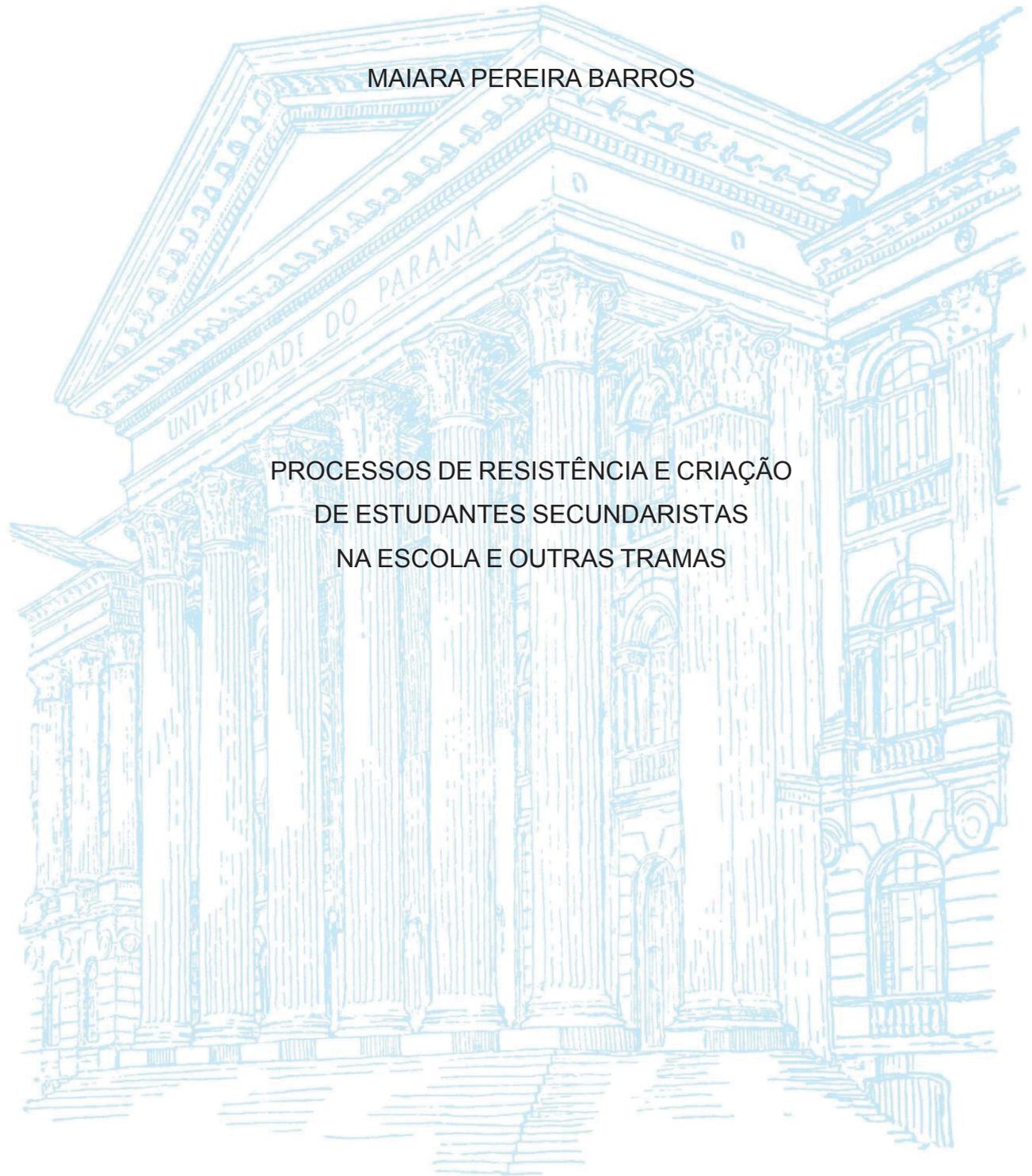


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAIARA PEREIRA BARROS

PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO
DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS
NA ESCOLA E OUTRAS TRAMAS



CURITIBA

2021

MAIARA PEREIRA BARROS

PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO
DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS
NA ESCOLA E OUTRAS TRAMAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr. Kátia Maria Kasper

CURITIBA
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Barros, Maiara Pereira.

Processos de resistência e criação de estudantes secundaristas na
escola e outras tramas / Maiara Pereira de Barros – Curitiba, 2021.
132 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Kátia Maria Kasper

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Estudantes – Conduta. 3. Estudantes
– Aspectos sociais. 4. Estudantes – Comportamento. 5. Ensino –
Professores e alunos. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA DE ENSINO - 40001016080P7

ATA Nº170

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE Mestrado PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRA EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO**

No dia um de setembro de dois mil e vinte e um às 15:00 horas, na sala <https://video.c3sl.ufpr.br/DefesaMaiaraBarros>, Sala virtual, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **MAIARA PEREIRA BARROS**, intitulada: **PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS NA ESCOLA E OUTRAS TRAMAS**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: KÁTIA MARIA KASPER (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), JEAN CARLOS GONÇALVES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), FABIANO RAMOS TORRES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC), MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO (UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, KÁTIA MARIA KASPER, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca destaca a contribuição do trabalho para o campo da pesquisa em Educação. Destaca ainda o caráter experimental tanto no que se refere à prática escolar quanto ao processo criativo na escrita da dissertação. Recomenda divulgação em diferentes formatos e plataformas.

CURITIBA, 01 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
02/09/2021 23:48:44.0
KÁTIA MARIA KASPER
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
02/09/2021 10:30:55.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
10/09/2021 11:47:09.0
FABIANO RAMOS TORRES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC)

Assinatura Eletrônica
10/09/2021 17:30:10.0
MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE
MESQUITA FILHO)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA DE ENSINO - 40001016080P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MAIARA PEREIRA BARROS** intitulada: **PROCESSOS DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS NA ESCOLA E OUTRAS TRAMAS.**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 01 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica
02/09/2021 23:48:44.0
KÁTIA MARIA KASPER
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
02/09/2021 10:30:55.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
10/09/2021 11:47:09.0
FABIANO RAMOS TORRES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC)

Assinatura Eletrônica
10/09/2021 17:30:10.0
MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE
MESQUITA FILHO)

Aos secundaristas
e às terezas.

AGRADECIMENTOS

Ainda bem que a gente não anda só.

Agradeço a Kátia Maria Kasper, minha desorientadora, pelo solo fértil aos bons encontros e sua presença-contágio com seus poderosos silêncios e sua constante defesa da alegria e da criação. Me considero uma sujeita de sorte por esbarrar em seus escritos e em você.

Aos professores Fabiano, Jean e Maria Rosa. Vibrantes e acolhedores educadores-pesquisadores que potencializaram os caminhos dessa pesquisa com suas considerações desde a qualificação até a defesa, entre outras conversas.

Aos colegas e aliados do grupo de pesquisa SemNomeAinda que permeiam esse processo, vários de meus sorrisos e o desejo de seguir essas travessias: Thalita, Gizele, Gabriela, Camila e Victor, que bom que a gente se esbarrou.

Agradeço a Terezinha e Paulo, meus pais que me ouvem falar da escola desde que eu era secundarista e chegava pro almoço matraqueando dores e delícias da escola. Vocês sonharam e foram aconchego da passagem de estudante a formação como professora. Obrigada por todo amor, companheirismo e alegria.

Agradeço a Amanda, meu fechamento pra além do berço. Mana, sua força de zelo e afeto me ajudam a caminhar, e caminhar dando risada. E agradeço o apoio e ensinamentos nas aventuras pelas colagens digitais que compõem essa dissertação.

A amiga e professora inquietante, Ana, com quem me acho nas conversas, lágrimas e belezas de viver a escola. Obrigada por ser afeto.

Vitória Gabarda, agradeço pela escuta, confabulações, risadas e por poder acompanhar suas piratarías.

Juliana Moraes, amiga companheira de todas as batucadas da vida.

Denise Martins, que desejou junto e foi suporte nessa caminhada, sou grata.

E com a força explosiva que responde um jogral agradeço aos estudantes, que cotidianamente me convocam a vida, a alegria e a possibilidades.

Um, uma, uma _____ *"pode tirar proveito de tudo. Momentos místicos, momentos fascistas, sarampo, escarlatina, caxumba, homossexualidade, esse tipo de coisa não se evita, não se guarda em segredo no fundo do coração ou da espinha, mas se vomita, vem à tona para ser lavado, queimado, consumido. Os piores hábitos são aqueles que não ousamos ter, pois o balanço da vida, em seu magnífico vaivém, corre o risco de ficar preso nessa vegetação monstruosa que é o privilégio misterioso das aparências conformes."*

Fernand Deligny

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma investigação em educação, na qual uma professora acompanha trajetórias de processos de criação e resistência de estudantes secundaristas na escola e outros territórios. Através de procedimentos da pesquisa cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 2011; ROLNIK, 1989), mapeiam-se linhas com acontecimentos do cotidiano escolar, documentários, uma peça de teatro e uma ação de plantio na escola. Nessa travessia, busca-se ver e dar a ver as existências mínimas (LAPOUJADE, 2017), nas quais os estudantes afirmam a potência da vida frente às palavras de ordem da escola. O contágio pelos processos acompanhados pela cartógrafa, moveram em aproximações e experimentações de uma educação menor (GALLO, 2013), criando uma professora contagiada pelos estudantes.

Palavras-chave: Estudantes secundaristas. Aprendizagem por contágio. Criação. Resistência. Educação menor. Cartografia.

ABSTRACT

The current research presents an investigation in education, in which a teacher accompanies the trajectories of creation and resistance processes of high-school students at school and other territories. Through the procedures of cartographic research (DELEUZE; GUATTARI, 2011; ROLNIK, 1989) lines have been mapped with the experiences of school life, documentaries, a theatrical play and a planting practice at school. In this journey, the aim is to see and show the lesser existences (LAPOUJADE, 2017), in which students affirm the potency of life in the face of school watchwords. The contagion, through the processes accompanied by the cartographer, has moved approximations and experimentations of minor education (GALLO, 2013) creating a teacher contaminated by the students.

Key-words: High-school students. Learning by contagion. Creation. Resistance. Minor education. Cartography.

RESUMEN

El presente trabajo presenta una investigación en educación, en la cual una profesora acompaña trayectos de procesos de creación y resistencia de estudiantes secundaristas en la escuela y otros territorios. A través de procedimientos de investigación cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 2011; ROLNIK, 1989) se mapean líneas con sucesos del día a día en la escuela, documentales, una obra de teatro y acción de siembra en la escuela. En ese recorrido buscamos ver y dar a ver las existencias mínimas Lapoujade (2017), en las cuales los estudiantes afirman la potencia de la vida frente a las palabras de orden de la escuela. El contagio en la cartografía por los procesos acompañados nos movieron en acercamientos y experimentación de la educación menor (GALLO, 2013), trayendo una profesora ocupada por los estudiantes.

Palabras-clave: Estudiantes secundaristas; Creación; Resistencia; Educación menor; Cartografía.

SUMÁRIO

1. BONDE: SECUNDARISTAS	9
2. ENSAIO	11
3. NÓ I: ESCOLA, O INSTITUÍDO	15
4. NÓ II: ESCOLA, TERRITÓRIO DE POSSÍVEIS?	17
5. TEREZA I: DESEJO JANELA AFORA	20
6. NÓ III	27
7. TEREZA II: AO QUADRADO	29
8. NÓ IV	32
9. TEREZA III: INSCRIÇÕES DE UM DIÁRIO DA BORDA: MICRO OCUPAÇÕES DA ESCOLA	36
10. NÓ V	53
11. TEREZA IV: METAMORFOSES - SEMENTES	55
12. UMA PROFESSORA EM (DE)FORMAÇÃO	62
13. TEREZA VI: RADICALIZAÇÃO DE MICRO OCUPAÇÕES DA ESCOLA	68
13.1 MOTÍN EN LA SALA	69
13.2 INVADIR? NÃO, A GENTE VAI OCUPAR!	74
14. NÓ VI	83
15. TEREZA VII: INSTAURAÇÃO	86
15.1 QUANDO QUEBRA QUEIMA – COLETIVA OCUPAÇÃO	88
16. NÓ VII	104
17. TEREZA VI: JULIET NO CONHECIMENTO	108
18. NÓ VIII	111
19. PROFESSORA CONTAGIADA, PROFESSORA OCUPADA	112
REFERÊNCIAS	121



FONTE: Imagem da pintura em tela da artista e estudante Pietra Prando (@pietrinha).
Imagem cedida pela artista.

1 BONDE: Secundaristas

Ligo o computador para escrever essa dissertação, uma fotografia deles ocupa a tela. Ultimamente o jogo tem sido, turma a turma, que utiliza meu computador para apresentações de atividades, deixa sua foto como tela de fundo. Minha paisagem modifica-se semana a semana, ou, dia a dia. Depende de quem reconhece o jogo rolando.

Estamos nos conectando por vários caminhos, a possibilidade de ocuparem minhas câmeras têm lhes sido bem atrativa, esse movimento todo reverberando eles me ocupando e experimentando como ocupamos esse texto. O caos de desejos a serem agenciados nos acompanha nos territórios nos quais nos encontramos. De início era a escola, mas deriva alguma tem solo fixo. Nossas afecções foram abrindo outras mobilizações, traçando outros encontros, procedimentos com outras tramas. A luminescência que nos chamava: acompanhar processos de resistência e criação de estudantes secundaristas. Experimentar pensar aprendizagem e seus processos com eles. Perder os sinais costumeiros do que é ser um bom estudante, do que é ser uma boa professora, do que é pesquisar e outros és que nesse percurso foram se desfuncionalizando. As coisas pediam mais sentido que utilidade. Abertura, experimentação, invenção e descobertas.

Partimos principalmente de nossos encontros com estudantes secundaristas, com quem compúnhamos aulas de sociologia no ensino médio público do Estado do Paraná, na cidade de Curitiba. Fomos buscando abrir nossa percepção a outros espaços-tempos da escola e assim nos apareceu uma tereza na janela de uma sala de aula. Compomos com o nosso diário da borda um apresentar de movimentos de micro ocupações da escola que acompanhamos. Com cheiro de alecrim e rosas, vem com estudantes inventando outras ocupações da escola, tomando a terra como sala de aula. Da escola chegamos ao teatro, com a peça-dança-luta “Quando, quebra, queima” da Coletiva Ocupação criada e performada por jovens que, na época das ocupações das escolas estaduais de São Paulo, em 2015, lá estavam ocupando e resistindo. Era muita vibração para não voltarmos à experiência dos processos das ocupas secundaristas (2015/2016) e compor com eles, ainda que fosse por documentários produzidos durante ou com aqueles acontecimentos. A intensidade das interações nas redes sociais em tempos pandêmicos, nos esbarrar com alguns @, perfis do instagram e youtubers que movem suas ocupações das redes sociais

com a filosofia, sociologia e a história, nos chamando à pensar paixão-alegria-pensamento. No fim, trazemos como os estudantes me afetam a professora-cartógrafa dessa pesquisa, na seção denominada: Professora Contagiada – Professora Ocupada. Entre as seções deste trabalho se apresentam os NÓS, trazendo nossas alianças teóricas e outras vozes que contaminam essa professora na criação e pensamento dessa cartografia.

Estudantes brotam para jogo, em acontecimentos que nos inquietam.

Ressoar.

Atamos essas terezas aqui, implicada em vibrar com o que foge.

2. ENSAIO¹:

Os Des-uniformizados (sem)Diretoria.

Nossa senhora das coisas impossíveis que procuramos em vão, vem soleníssima.

Soleníssima e cheia de uma vontade oculta.

Abrir os olhos não me satisfaz.

Pode crer, veja você, vários limites.

Não aguento viver preso a dogma e doutrina eu quero a calma na alma.

Pra poder viver a vida.

É a vida, no fio da navalha.

Minhas vidas ignoradas.

Os problemas são B.O, desde pequenino.

Inocência versus viver.

Inocência versus inocência.

Inocência que me deixou a rua.

Me deixou às margens.

Ouvindo:

-É só menino sem juízo...

As escolas só te passam disciplina.

Me ensinou a escolher caminhos

Dentro de quadradinhos que ela mesma escolheu.

-Tá vindo ou vai pra onde?

Blá, blá, blá, blá, blá

Zzz, que nem abelha

Controle internacional.

Seus amargos e antigos rancores.

Percebi. Tinha entranhas. Não era da boca pra fora.

Quebra esse tabu, isso não é nenhum favor.

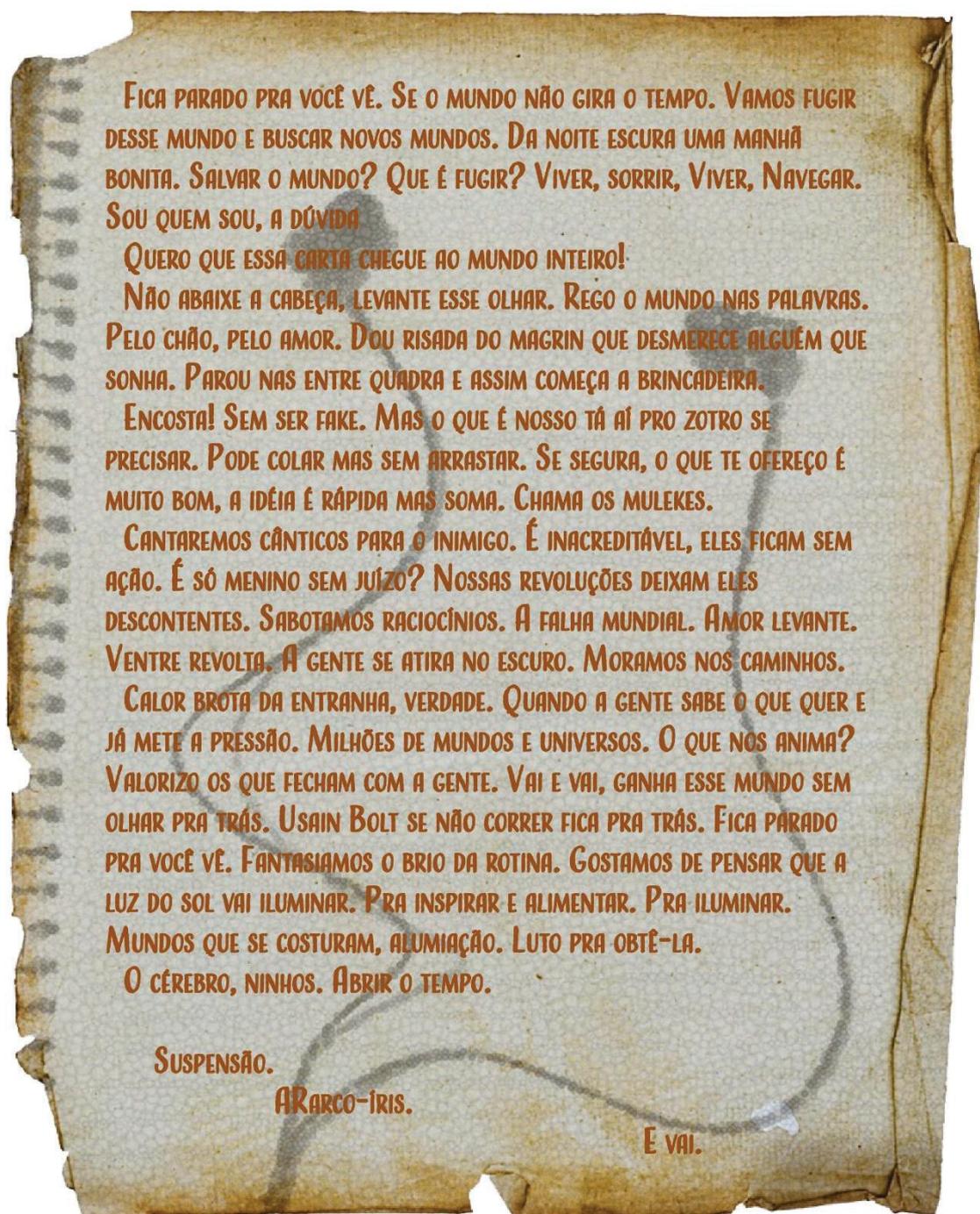
Quebre-se.

Vai morrer pra lá Zica.

¹ “Os Des-uniformizados (sem)Diretoria” é uma escrita - patchwork com trechos de músicas trazidas por estudantes em comentários sobre elas, conexão com nossas conversas ou no som alto da jbl (caixa de som) aos nossos encontros. Recomenda-se ouvir a playlist para acompanhar a leitura: <https://open.spotify.com/playlist/4XiQXWjRDCwJDxqxC1FY4p?si=gMb3LxjuRXGHPCcH9FuY-Q>

Encontrei uma carta do planeta Possibilidades

Rima no acústico.

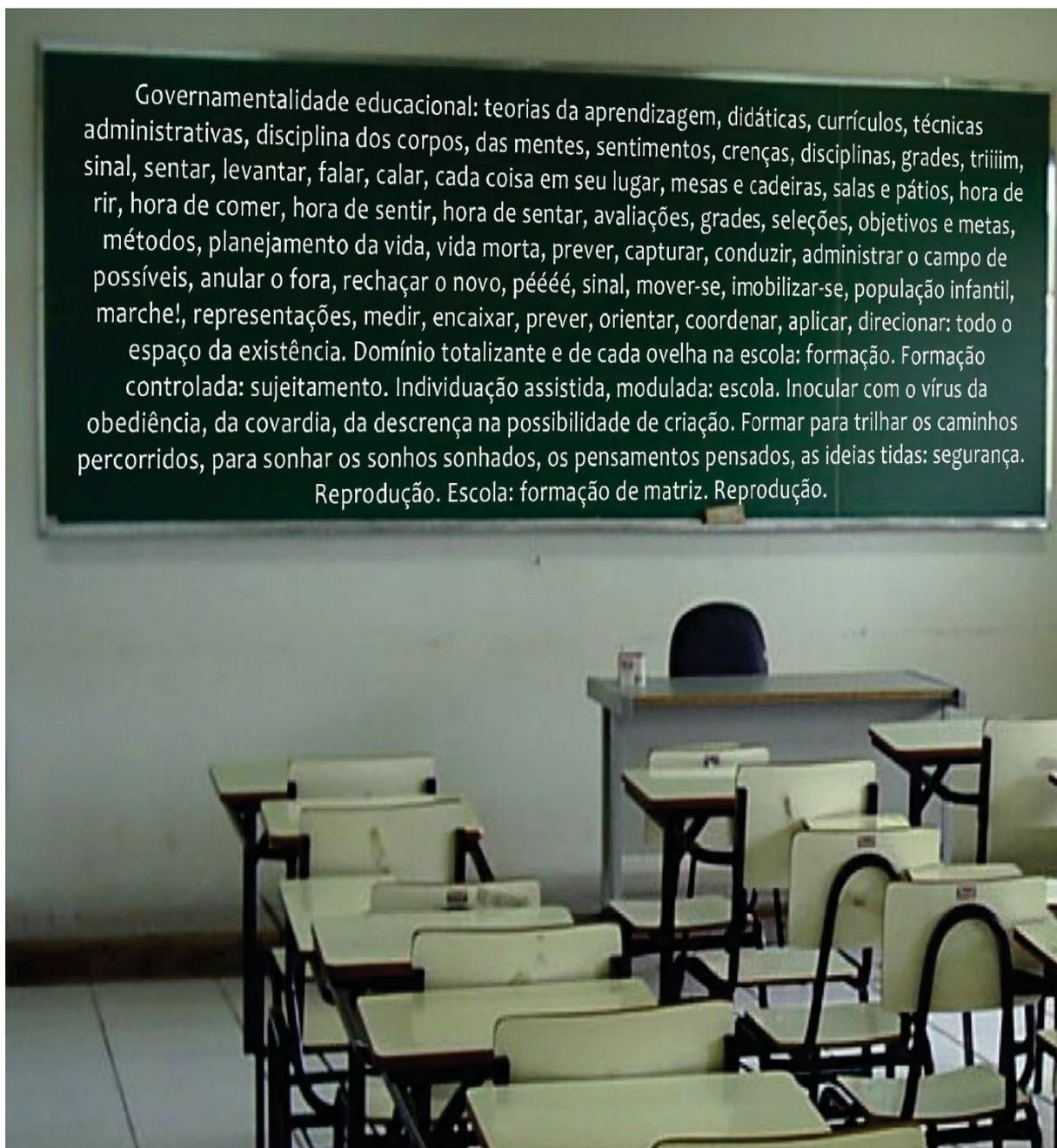


FONTE: criação da autora da dissertação.

Tudo revirado.
Caminho pros conhecimentos.
Papo de visão.
Tô no modo alerta.
Esse disco é sobre resgate.
Não entrar em conflitos que não tragam solução
Evitar a fadiga, não dar um passo em vão
Dá pra ser.
Acreditar.
Querer o quiser, ser o inimaginado.
Delicioso gosto contagiando a mente pra viver.
Sigo na contramão.
Na disposição, situação e no apetite.
Ligo o som e abro o teto solar (lembrei)
Podia tá em casa dormindo tranquilamente, mas...
Podia fazer silêncio, mas...
Eu não sou inocente.
Mano, abre logo a porra do cofre!
Não to falando de dinheiro, tô falando de conhecimento.
Alfabetiza os muleque pra escrever suas próprias frases.
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de quem vai contar
Esse gueto ostenta diferente.
A navera desliza, está partindo.
Eu sou Pirata das Estrelas.

Aí eu puxo o bonde, direcionei pro bailão.
Levanta-se a voz daquele que se atreve.

Até mais, doutor!



FONTE: imagem criada pela autora com citação de (GALLO; ASPIS, 2011, p. 173).

3. NÓ I: ESCOLA, O INSTITUÍDO

As relações de poder permeiam todos os campos da sociedade que vivemos. Michel Foucault, na obra “Vigiar e Punir” (1998), ressalta que o exercício do poder disciplinar busca garantir-se por micropenalidades. Essas são atitudes de punição que podem se referir, nos espaços institucionalizados, ao: atendimento do tempo instituído, execução das atividades, comportamentos, discursos, respeito a hierarquias, desempenho normativo de gesticulações e da sexualidade.

Micropenalidades atravessam as relações no território escolar, estabelecendo processos de assujeitamento, na disciplina dos modos de existência. Para além dos conteúdos a serem aprendidos pelos estudantes, a escola é espaço de produção de subjetividades. Nesse sentido, atua a gramática da ação docente e da instituição escolar:

A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.). (...) A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p.12).

O poder disciplinar e do controle da subjetividade pelo biopoder², presente nas palavras de ordem aos estudantes e à comunidade escolar, agem na força do “dever ser”. Um dos fundamentos da escola moderna envolve o “poder assimétrico, da normalização dos corpos pela disciplina e planificação social pela biopolítica (GALLO, 2013, p. 10)”. Essas são dimensões do que Gallo chama de educação maior: “aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer (...) é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos. (GALLO, 2002, p. 173). São os grandes projetos educacionais. Se compõe em nossos planejamentos, regimentos, nas durezas que buscam não só orientar o que acontece na escola, como também contê-las dentro de regularidades e normalidades. Coordenadas ao mandar e ao obedecer.

² Para Michel Foucault: “Enquanto no poder disciplinar existe uma técnica de adestramento do “homem-corpo” a partir da punição e da vigilância, na segunda metade do século XVIII surge uma nova tecnologia de poder que é diferente do poder disciplinar. Embora o biopoder seja algo novo, ele não descartará a técnica disciplinar, mas integrá-la-á.” (DINIZ & OLIVEIRA, 2014, p. 155)



FONTE: print screen da pesquisa no google, capturado pela autora da dissertação. Inspirada em uma ação de estudantes veiculada pela @professorafavelada.

4. NÓ II: ESCOLA, TERRITÓRIO DE POSSÍVEIS?

É possível que no território de choque que é a escola acreditemos que a ordem prevalece. O controle prevalece. Kasper (2010), pensando a produção dos corpos dóceis na escola, em suas dimensões disciplinar e biopolíticas, destaca o conflito que envolve esses empreendimentos de tentativas de disciplinarização e controle:

Defrontamo-nos com um paradoxo: tentativa de produção de corpos dóceis, estes dispositivos disciplinares – com suas exigências de controle e normalização, tratando os corpos e subjetividades em termos de docilidade-utilidade -, constitui-se como um dos elementos que contribuem para a produção da chamada “indisciplina escolar”. O mesmo movimento de produção da figura de normal produz desvios em relação a ele. E, por outro lado, a tentativa de impor padrões gera reação e resistência. (KASPER, 2010, p. 198).

Os dispositivos do poder disciplinar movem em seu contraponto a indisciplina. As fugas a esses mecanismos do poder disciplinar produzem a própria resistência a ele, desvios das imposições de padrões de comportamento na escola.

As relações de poder têm vias de mão dupla: captura e fuga. Tensionamentos entre macro e micropolítica, linhas duras e as linhas mais flexíveis à proliferação da criação de outros modos de vida. “Resistir. Foucault nos ensina que para todo poder, intrínseco a ele há formas de resistência. [...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual” (GALLO, 2011, p. 175).

Nosso processo de pesquisa foi atravessado por uma tereza, nos provocando ao que quer fugir, faz fugir e fuge na escola. Nos chamando para movimentos, gestos e atos de resistência aos processos de serialização da subjetividade.

A escola estriada, da educação maior, com seus planejamentos e técnicas que buscam conter a proliferação da diferença, coexiste com as periferias da escola “ou territórios lisos - na educação: atos e gestos, práticas, discursos e acontecimentos que desestabilizam os planos gestores” (TORRES, 2016, p. 19). Assim o cotidiano escolar - território de disputa e resistência, de criação de linhas de fuga dos processos de assujeitamento da subjetividade – é também um “espaço-tempo de uma educação menor, região de fronteira e de proliferação de diferenças, é o espaço possível da criação da autonomia como linhas de fuga” (GALLO, 2013, p. 11). Nessa região fronteira, os estudantes ampliam suas múltiplas possibilidades de modos de

existência na criação de espaços-tempos singulares. Resistindo e ocupando a escola a partir de suas perspectivas.

No cosmo das coisas, há inúmeras aberturas desenhadas pelos virtuais. Raros são aqueles que as percebem e lhes dão importância. Raros são aqueles que as percebem e lhes dão importância; mais raros ainda aqueles que exploram essa abertura em uma experimentação criadora. (LAPOUJADE, 2017, p. 44)

5. TEREZA I: DESEJO JANELA AFORA

Um período. Uma sala de 6,20x6,40m. Em nosso mesmo bat local, na nossa mesma bat hora. Cada bat sala, encontro. Em todas, vários. Os metros² e a gramática didática querem dar conta deles, de seus gestos. Limites institucionalizados de concreto duro quanto a repressão a algumas formas de existir ali. Tem o que encontra cabimento nesse lugar: uniforme, sentar-se (**-DIREITO**), copiar, ouvir (**O PROFESSOR**), silêncio (**FORÇADO**), fala conveniente ao que se **DEVE FAZER** na escola.

Como aquilo que ~~NÃO CABE~~, me apareceu uma ~~TEREZA~~.

Nos primeiros instantes só eu e mais alguns ocupávamos a sala. Troca de horário é sinônimo de esvaziamento desses metros quadrados. Ocupa-se o máximo do fora dentro deste lugar. Se o que resta é o corredor, corredor seremos. Dentre todos aqueles que ocupam uma sala de aula pairam, movimentam-se, tencionam, esticando a corda das relações de poder, soltam, relações se desfazem e são retomadas dentro o caos dos desejos. Linhas se apresentam nesses movimentos e por vezes conquistam um lugar além do corpo daqueles que os vibram.

De estrutura fininha, frágil, longa e imponente espichada janela fora. Me provocou. Encontrava-se estirada entre abas da janela de largos vitrôs e com aberturas tão pequenas que pouco passava o braço da mão que lhe segurava.

Seu criador, de olhos tão jogados pela janela quanto tereza. Conservava ainda sobre sua mesa resquícios de sua ação. Materiais:

Folhas de caderno

Tesoura

Cola

Canetão

Tereza está descrita nos dicionários brasileiros como uma gíria na boca daqueles que ocupam a margem, os marginais, que tecem sua corda para fuga com tecidos rasgados que vão sendo **atados por nós**, a fim de auxiliar nas fugas.

Mesmo que seja pra matar o tempo, vem trazendo agir no agora. Invenções do que fazer. Experimentações.

Da **TEREZA**, há quem chame assim, feita de lençóis, cortinas, roupas, ou o que restar para confeccionar a corda que pela qual se faz o trajeto de fuga de espaços de detenção, mais comumente cadeias e presídios, mas não só. Nesses lugares ela vai compondo nomes de coisas que também são os meios de fazer fugir das circunstâncias desse lugar, de seus impedimentos. **TEREZA DO BARRACO**, os panos que queima pra esconder o cheiro do que se fuma. **TEREZA TIA**, os panos que fazem a entrega entre uma cela e outra. Tereza de vários sentidos na prisão. Tereza essas. Terezas outras. Delineadas de fluxos que se encontram em criar possibilidades de existir a agir a esgarçar os limites impostos aos modos de vida.³

Enxergar a **TEREZA**.
Enxergar **TEREZA**.
Vibrar **TEREZA**.

NÃO SE PERDER NA DENÚNCIA.

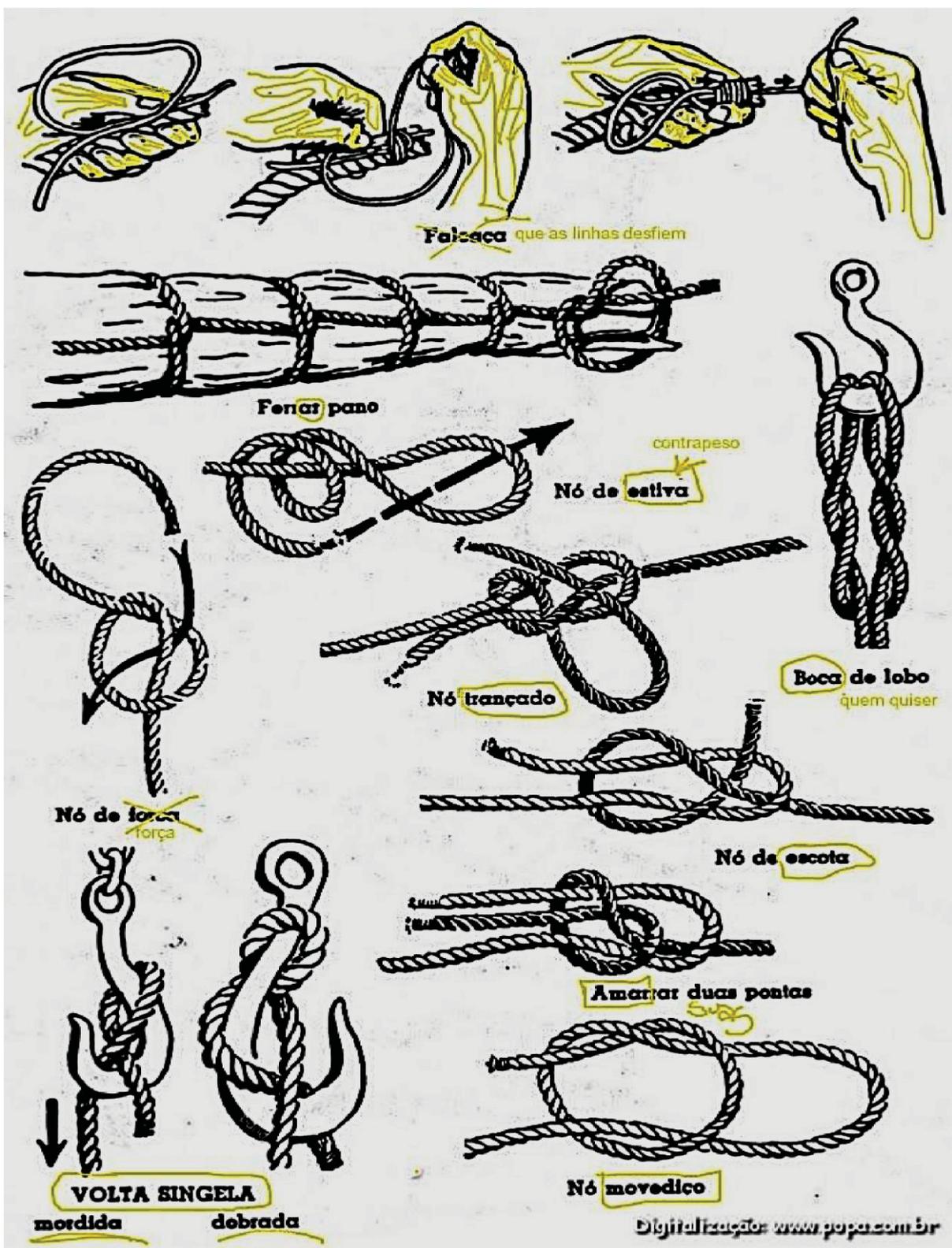
CO-CRIAR **TEREZAS**.

Fuga - **CREAÇÃO**

Fuga - **RESISTÊNCIA**

CO-CRIAR fugas*

³ Contágio com o documentário Tereza de Caio Souza e Kiko Goifman, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZ8VuA0JpAM&list=PLLIvJ4BjLFH6ZM8LhkDVp34fStYPf8u1m&index=26&t=15s>.



FONTE: criação da autora da dissertação.

Terezas... atadas por nós para fugas.

Seu criador permaneceu sentinela à tereza estirada pela janela durante todo o tempo que passei em frente ao quadro; oscilava entre olhares a mim, tereza e corpos-bola. Realizava um ou outro comentário sobre o que eu falava, que se não me falha a memória era algo sobre processo de socialização e Instituições sociais.

Final do nosso encontro nominado aula, sentado a cadeira, vizinhando a quadra de esportes ele trouxe tereza inteira para dentro da sala. Grafado ao final de sua criação estava:

S. O. S.

S.DE

O.SE

S.JO⁴

Atar em função do desejo, buscando no cenário que se tem e ocupa forma de dar vazão ao que vibra. Ao tédio comumente nos rendemos. Fazemos cara de paisagem fingindo estar com gosto naquele local no qual não se quer estar. E as possibilidade de estar e agenciar as vontades?

Teresa.

Criar com o que se tem à mão a agenciar possibilidades de bons encontros no mundo que se encontra aberto às nossas perspectivas.

⁴ Subscrição da autora.



Uma fuga é uma espécie de delírio. *Delirar é exatamente sair dos eixos (...)*. Há algo de demoníaco, ou de demônico, em uma linha de fuga. Os demônios distinguem-se dos deuses, por que os deuses têm atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com eixos, com limites e com cadastros. É próprio do demônio saltar intervalos, e de um intervalo a outro. “Que demônio deu o maior salto?” pergunta Édipo. *Sempre há traição em uma linha de fuga*. Não trapacear à maneira de um homem da ordem que prepara seu futuro, mas trair a maneira de um homem simples, que já não tem nem passado nem futuro. *Trai-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra*. O movimento da traição foi definido pelo duplo desvio: o homem desvia seu rosto de Deus, que não deixa de desviar seu rosto do homem. *É nesse duplo desvio, nessa distância dos rostos, que traça uma linha de fuga, ou seja, a desterritorialização do homem*. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 34).

6. NÓ III

Os modos de existência dos estudantes secundaristas, convites para pensarmos as disputas em torno da produção de subjetividade na escola. Implica na potência de vida nos processos de criação e resistência a se singularizar. Atentamos aos movimentos disruptores, às linhas de fugas, aos quais Félix Guattari chamou de processos de singularização:

Uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade, que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos. (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p. 17).

Deslocar o olhar docente normalizador e policialesco sobre os estudantes. Atentar ao que borra a máquina escola tecemos esta cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011; ROLNIK, 1989). Nos aliamos aos estudantes secundaristas para com eles experimentar o pensar sobre educação contagiado pelos seus modos de existir para criação de um mapa-rizoma:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 25-26)

Traçamos em cultivo da atenção. Implicada por práticas menores, inventivas, criadoras de estudantes. Em errância, em rolê, em:

encontro com a alteridade: encontro com aquilo que, na cidade, no sujeito, na escola, na família ou no trabalho é “menor” e ao mesmo tempo estranho (unheimlich) e aberrante – aquilo tudo que foi como excluído do processo de constituição de cada uma dessas instituições. (TORRES, 2016, p. 13)⁵

⁵ Fabiano Ramos Torres (2016), filósofo e professor em sua Tese de doutorado “Travessias do beco: a educação pelas quebradas” traz uma experiência de pensamento na qual seus rolês pelas periferias da cidade chegam às periferias da escola.

Mapa de percepções, de gestos vários, penetrações em linhas erráticas, linhas que fogem e fazem fugir. Linhas essas que agem tanto nos territórios que acompanhamos como nesta pesquisadora-professora-cartógrafa. “Só podemos chegar ao Ser por meio das maneiras que ele manifesta” (LAPOUJADE, 2017, p. 13). Encontros, encontros e encontros. Encontros com estudantes e com seus encontros com palavras, imagens, músicas, peças, terra, plantas, enxada, folhas de caderno, filmes, documentários, memes e... e... e... Acompanhamos corpos em articulação, em seus processos de abertura, experimentação, a se encantar, sentir e criar para fluir em acontecimentos.

E o que será que foge mesmo quando a disciplina escolar se estabelece?

Desejo?

“O desejo é sempre modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo.” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 216). Move “todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores”. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 215).

LEMBRETE:

IMPLODIR O AGENTE PENITENCIÁRIO INTRODUZIDO EM CADA PROFESSOR, EM CADA INSPETOR, EM CADA PEDAGOGA, EM CADA AGENTE ADMINISTRATIVO, EM CADA BIBLIOTECÁRIO, EM CADA AGENTE DE ORGANIZAÇÃO, EM CADA DIRETOR, EM CADA ESTUDANTE, EM CADA PAÍS, EM CADA SALA, EM CADA CADEIRA, EM CADA MESA, EM CADA QUADRO, EM CADA JANELA PANOPTICA, EM CADA GRADE, EM CADA PORTÃO, EM CADA CORREDOR, EM CADA PATÍO, EM CADA SINAL.

ASS. UMA TEREZA

7. TEREZA II

6



AO QUADRADO

Alguns cabeça baixas, outras bem baixas. Uns bufantes. Logo jogaram o que tinha rolado. Outro embate daqueles com a pedagoga e dessa vez ela tinha adicionado ainda mais ácido a desconfortável relação que tinham.

Uma frase dela para eles pegou, grudou e acelerou a respiração mais que as outras:

- Vocês são burros ao QUA DRA DO!

Ai! Escutei e até minha respiração mudou. Conversamos. Eu e eles, todos sempre atento a porta, porque vigiados pelas câmeras já estávamos. Eles disseram: - O que dá pra fazer num encontro com alguém que já chega com os dois pés no teu peito e tá nem aí pra escutar o que você tem a dizer?

Tentei argumentar falando sobre as demandas e cobranças que ela recebe, o contexto de ver o colégio que trabalha anos fechar. Não rolou, me jogaram a bola dede volta - Tá então a gente também vai vim na bicuda porque estamos no nosso último ano, somos a última turma a se formar nesse colégio. Entramos nesse lugar todo dia vendo móveis saí, professores pedindo transferência e a gente está tentando, tá de boa. E ela?

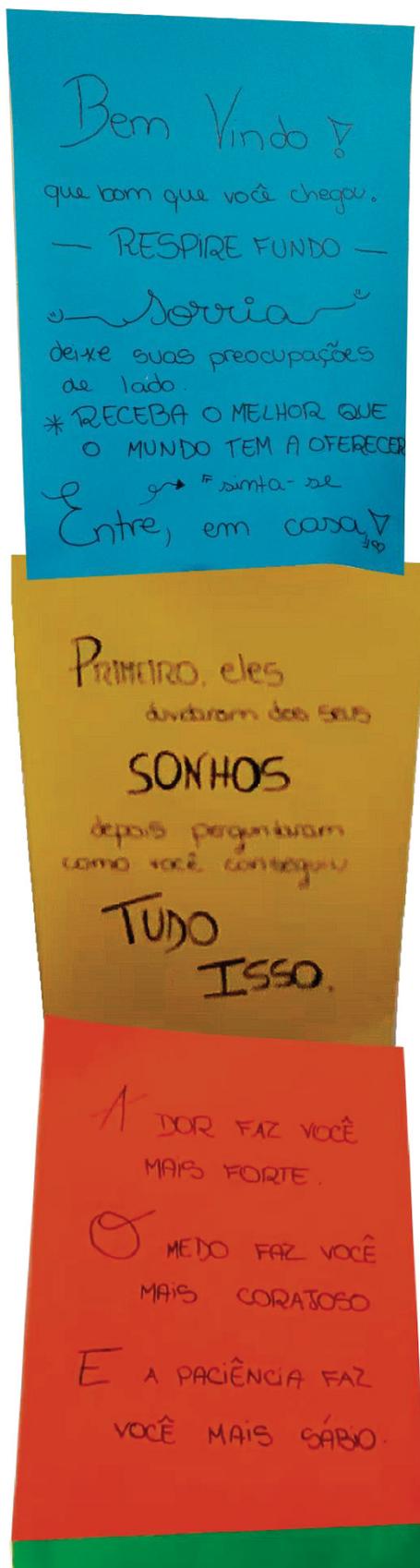
O que fazer?

Beleza gente. Tá se não rola alterar do lado dela, se daqui se tentar tornar mais massa as coisas pra vocês? Lancei a ideia de pensarem aquilo tudo por essa linha, pois quem sabe alterando daqui mudava do lado de lá.

Só dava aula nesse colégio uma vez na semana, voltei então só na outra semana. O que veio depois foi...



7



⁷ Fotos dos cartazes criados pelos estudantes.

"NINGUÉM É TÃO
GRANDE QUE NÃO
POSSA APRENDER,

Nem tão pequeno
que não possa
ensinar. "

Minha idade não
define minha maturidade.

Minhas notas não
definem minha inteligência.

Fofocas que fazem de
mim, não definem quem
eu sou.

(INTELIGÊNCIA)²

WU/mu/Universidade
11/03/2019

8. Nó IV

Acompanhar ocupações da escola pelos estudantes em seus fluxos de relações de velocidade e lentidão que estabelecem no encontro com outros corpos, seja lá que corpo for, humano - não humano – sonoro - fictício etc. Quando é que eles deslizam, acontecem? Quais espaços lhes são lisos permitindo que seus fluxos de desejo se deem? Quando os espaços lhes impedem, são estriados, contém suas criações? Como estes espaços se modificam, passam de um a outro, as combinações desses?

Entre seus bons e maus encontros as potencializações dos modos de existir dos secundaristas. Seus alimentos? Seus venenos? Que intensidades estão pedindo passagem? Que rupturas pedindo língua para a criação de territórios?

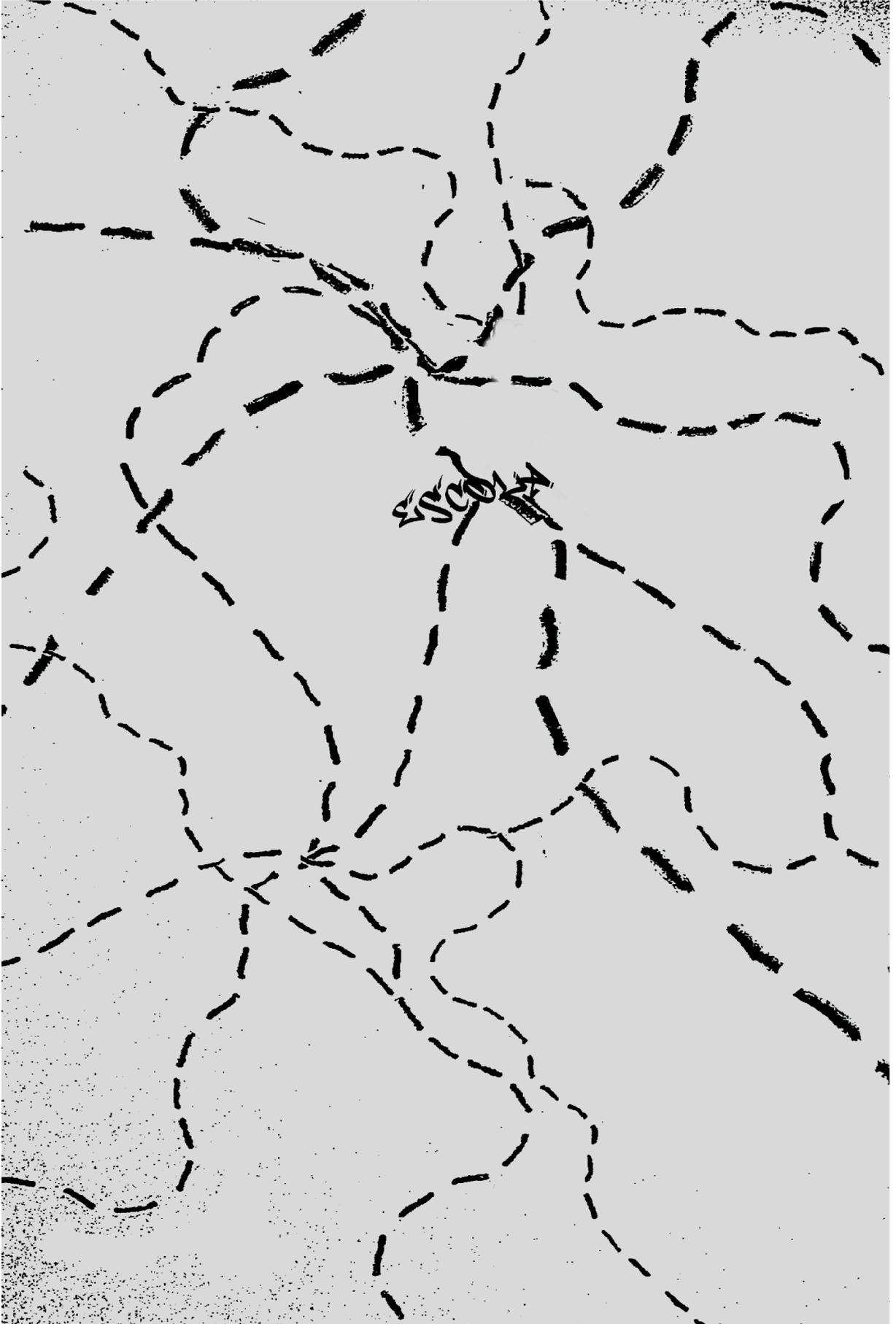
Uma escola estriada com seus secretos espaços lisos; a arte dos modos de vida e maneiras viver a resistir criando outros espaços-tempo nela. Pensar com estes movimentos, velocidades e lentidões criadores de espaços lisos.

O esforço, ou melhor, o ensaio contínuo, a abertura para estar com eles. Processo de abandonar o olhar voltado ao que se nomina ser um estudante. Queria estar com, e descobrir o que se apresentava nesses encontros. O que é pequeno e inútil - para a polícia da escola - mas dotado de sentido aos estudantes?

Buscamos nos instalar num plano de imanência com os estudantes. Ressoando os pensamentos de Ettiéne Sourriau nos ventos em que pega David Lapoujade, no livro “As existências mínimas” (2017), seguimos o traçar desta cartografia implicada pela arte do Ser e sua variedade infinita de maneiras de existir. “Cada existência provém de um gesto que a instaura, de um “arabesco” que determina que será tal coisa.” (LAPOUJADE, 2017, p. 15). Instaurar uma existência, a arte do existir, é criação e defesa desta realidade.

Cada existência estabelece com o mundo uma geografia própria, seleciona no mundo ou na Natureza aquilo que corresponde à coisa, isto é, o que afeta ou é afetado por ela, o que move a coisa ou é movido por ela (DELEUZE, 2002, p. 130). Cartografias traçadas na composição de suas linhas de afecção, de encontros, de relações conectivas, características. Para cada coisa, relações (velocidade-lentidão), seus poderes (afetar - ser afetado), variações ou transformações próprias. Tomar cada existência em suas singularidades, pelas suas combinações, suas geografias.

Cada existência à sua maneira instaura sua perspectiva na realidade. “Ter descoberto uma maneira de existir, uma maneira especial, singular, nova e original de existir, é existir à sua maneira”. (LAPOUJADE, 2017, p. 15). Um singularizar-se, processos de singularização na criação e afirmação da potência da vida.



E o que move a criação, senão o desejo? Desejo que está sempre a seguir um fluxo, uma linha de vida que se confunde com a morte e com a vida incorporal. Não há vida sem intensidade dissonante provocada pelo caos. Plano de velocidade infinita, variação contínua, multiplicidade, movimentos de expansão e contração, dissipações, diacronias, é superfície de Géia, a desestabilizadora da ordem e dos poderes estabelecidos. Força divina sem máscara e sem rosto, casca do ovo, a matéria é imprevisível, caótica, esquizo: nem bem onda e nem bem partícula, mas puro movimento e oscilação. Tal qual a vida, o caos não pode ser representado. O caos não está fora do plano, mas é marcado por um fora selvagem, impensado, que o diferencia. (ZORDAN, 2010, p. 10).

9. TEREZA III: INSCRIÇÕES DE UM DIÁRIO DA BORDA

micro ocupações da escola⁸

Todo modo de existência envolve um ponto de vista; é exatamente nisso que ele se distingue da pura e simples existência. (LAPOUJADE, 2017, p. 48).



DOC. Nunca me sonharam:

-Como se movimento o desejo pelo conhecimento. Conhecê-lo necessita o deslocar da paixão que é nossa... Grades nas portas, e a grade curricular é tudo grade. Professor passam pela graduação afim de alunizar. Aprender a ser aluno para alunizar⁹ (Musico Aemberg Quindins).

FALA ESTUDANTE:

-Todo dia você chegar e olhar aquela parede. Tediosa. Mas ai chegasse um gênio e falasse que todo dia aquelas paredes iam ter outra paisagem.

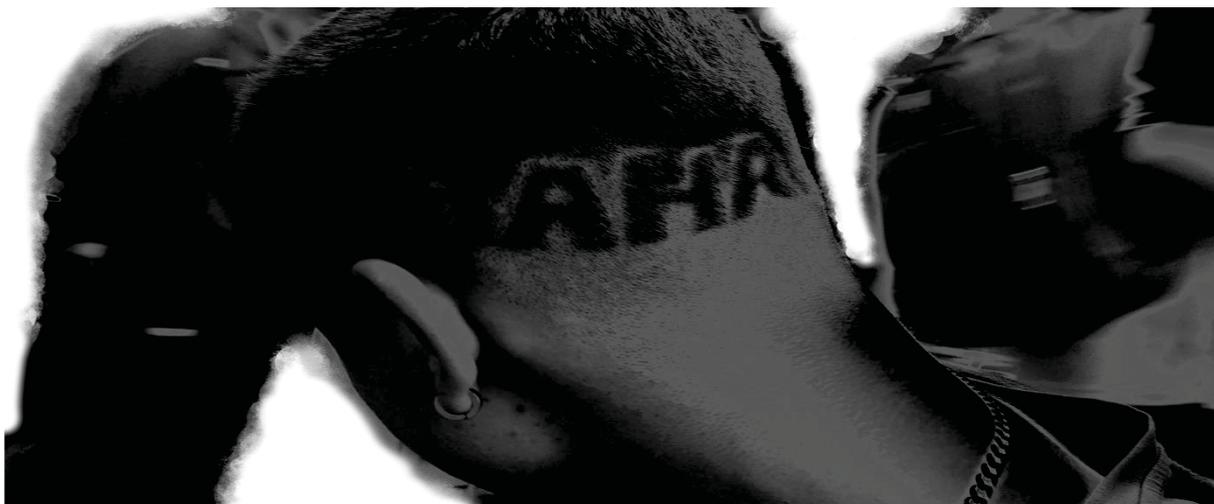
CONSELHO DE CLASSE: Ela não estuda

SALA DE AULA: Uma antologia de Vinicius de Moraes na frente do rosto.

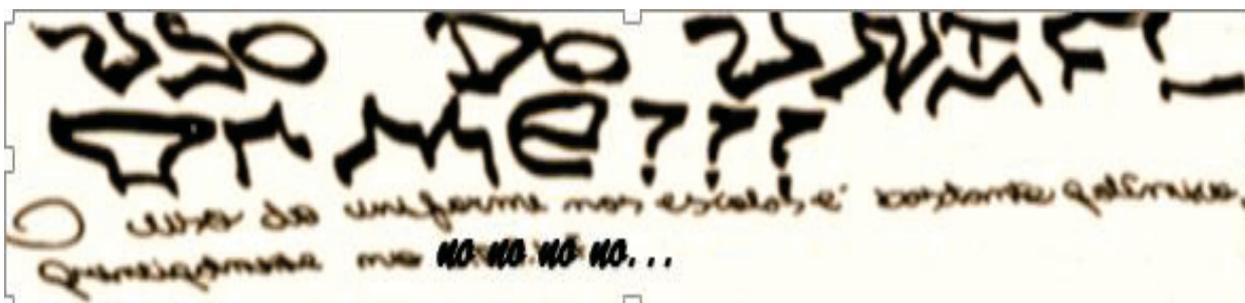
Vai ver vai do gosto.

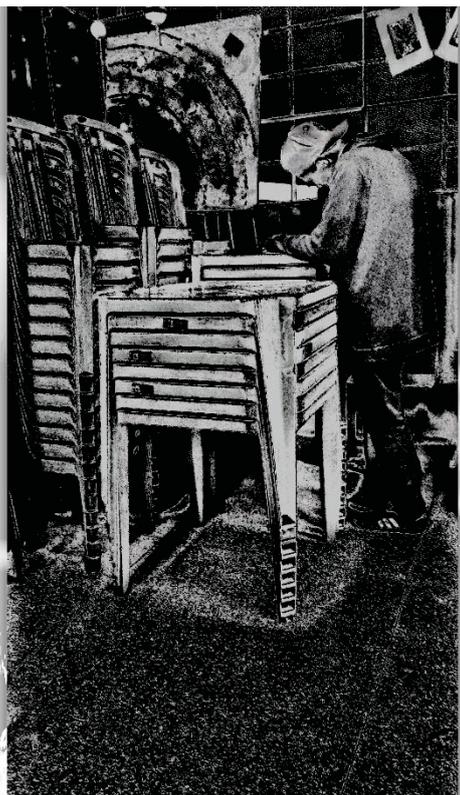
⁸ Durante o processo de pesquisa tivemos por companhia e composição um diário de campo, registros visuais e escritas contaminadas pelos processos que acompanhávamos. Essas algumas de nossas notas dessa travessia-pesquisa em busca de abertura aos modos de existência dos estudantes.

⁹ Jorge Larrosa utiliza o termo alunizar ao tratar do trabalho docente que segue a ordem do discurso pedagógico. Para ele: "Esses mestres são perfeitos alunos e por isso são altamente eficazes em seu ofício de "alunizar" a qualquer um que lhes apareça pela frente (LARROSA, 2014, p. 78)



Unhas pretas ao fundo da sala
 No jogo se levanta
 Entra na roda
 Argumenta
 Bocas se abrem
 Mundos se encontram.
 Nas gírias.





-SENTA DIREITO!

Corpo deitado no chão

Bunda sobre a mesa

Deitado na mesa do professor

Em pé em pé em pé em pé

Deitado sobre a cadeira

De pernas pro ar pra ler melhor



Zombar o uniforme

Zombar a visão do entorno sobre si

Eles e o vazio na sala de frente pro colégio particular

*Eis que um nariz se sobressai
Um com gosto por livros*

Lágrimas em não entender. -É pra isso, isso aqui?

Dizeres colocadas sobre o tampo da mesa do professor:

-Minha idade não define minha maturidade.

-Nem tão pequeno que eu não possa aprender.

-Posso te falar do meu cabelo? Como ele já foi?

BUTTERFLY EFFECT

-Professora! São memórias orgânicas! Não confiáveis. Ou confiáveis?

-Mc Sid "Alfabetizar os muleques pra ler minhas frases."

-O adulto tem capacidade, seu relacionamento com o universo é totalmente independente, ele consegue se manter financeiramente, fisicamente e às vezes até emocionalmente.

-Eu fiz uma foto do livro, não consegui enxergar direito as partes ai fiz o que senti no coração.

JBL¹⁰ – BLOCO DE OCUPAÇÃO SONORA

- Professora escolhe
um carta do baralho.
Assina.

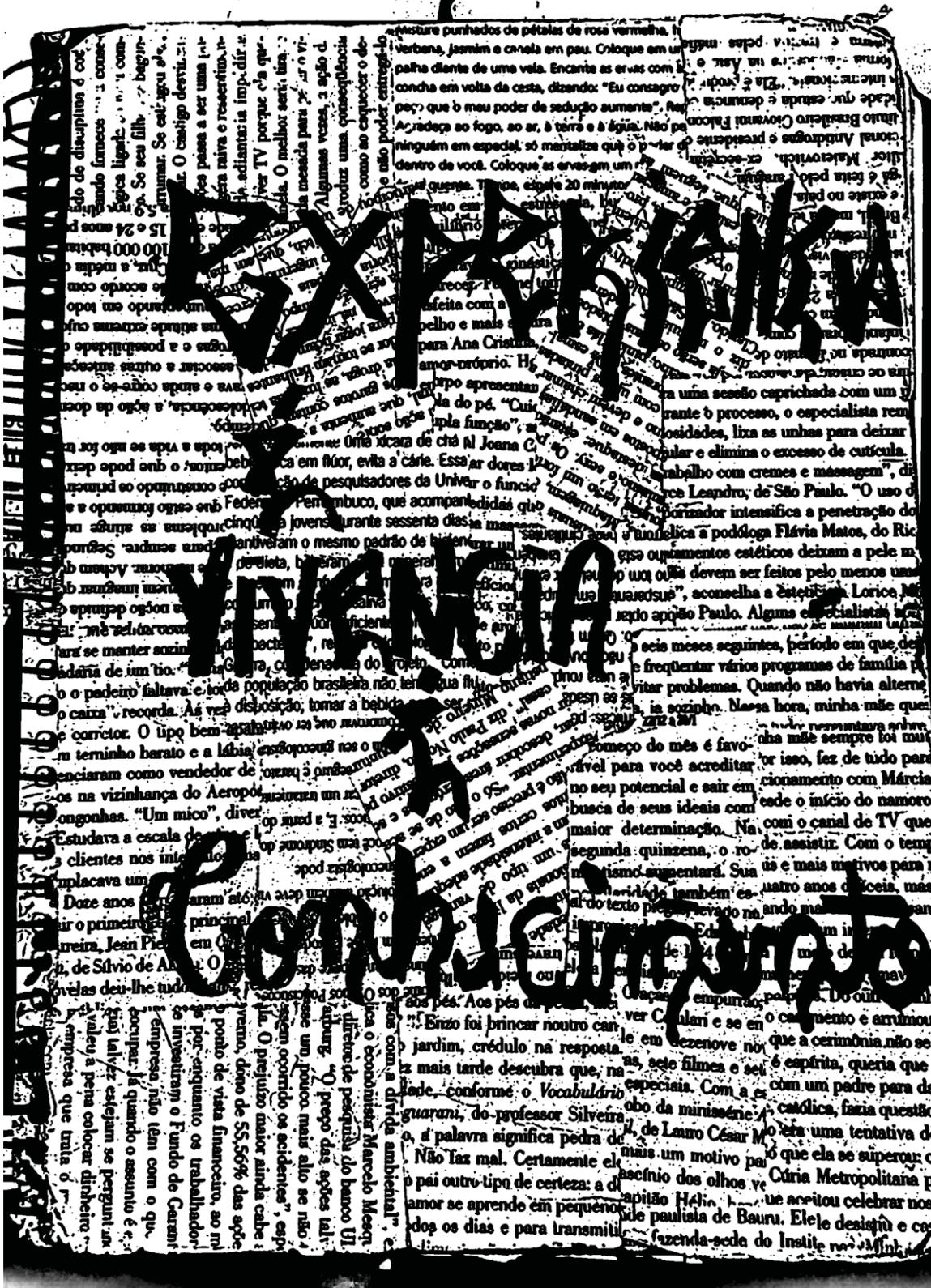
(Disse, El Mágico)

Respeito é pra quem...

-Eu sou um fracasso pra eles. E isso não é um problema.

*Porta trancada.
Sai uma cadeira pela janela.*

¹⁰ Jbl é o nome da principal marca das caixas de som portatéis. Os estudantes costumam chamar todas essas caixas de som de Jbl.



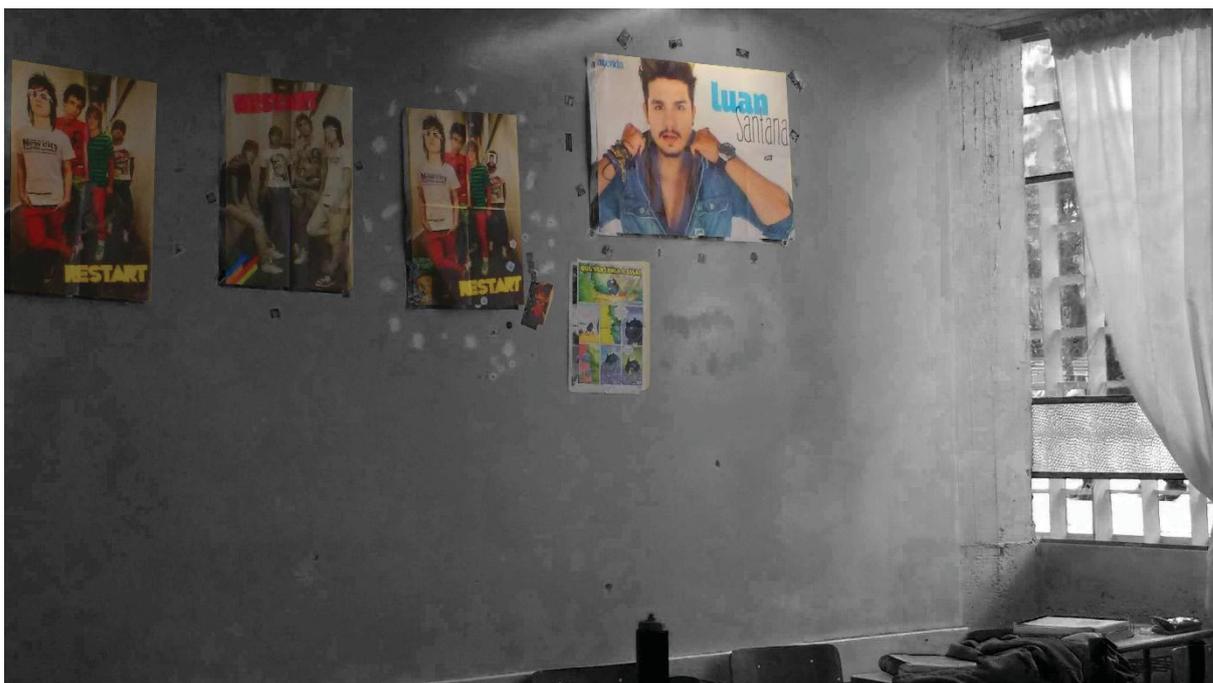
EXPERIÊNCIA

EXPERIÊNCIA

CONJUGAMENTO

CONJUGAMENTO

*O que pode uma pipoqueira. Na sala de aula.
O que pode um puff. Dentro da sala de aula.
O que pode um riso. Dentro da sala de aula
O que pode um corpo.
Experienciando outra sala dentro da sala de aula?*



Assinar no diminutivo.

Um acontecimento se instala quando os corpos estão abertos... como criar/inventar corpos abertos?

Há mais autoridade do ser do que alteridade.

Ser a inversão. Deslocar alteridade.

Acolher.



Puffs coloridos...

Maratona no corredor

Risos.

Corpos ofegantes

Risos

Corpos em fugas

das

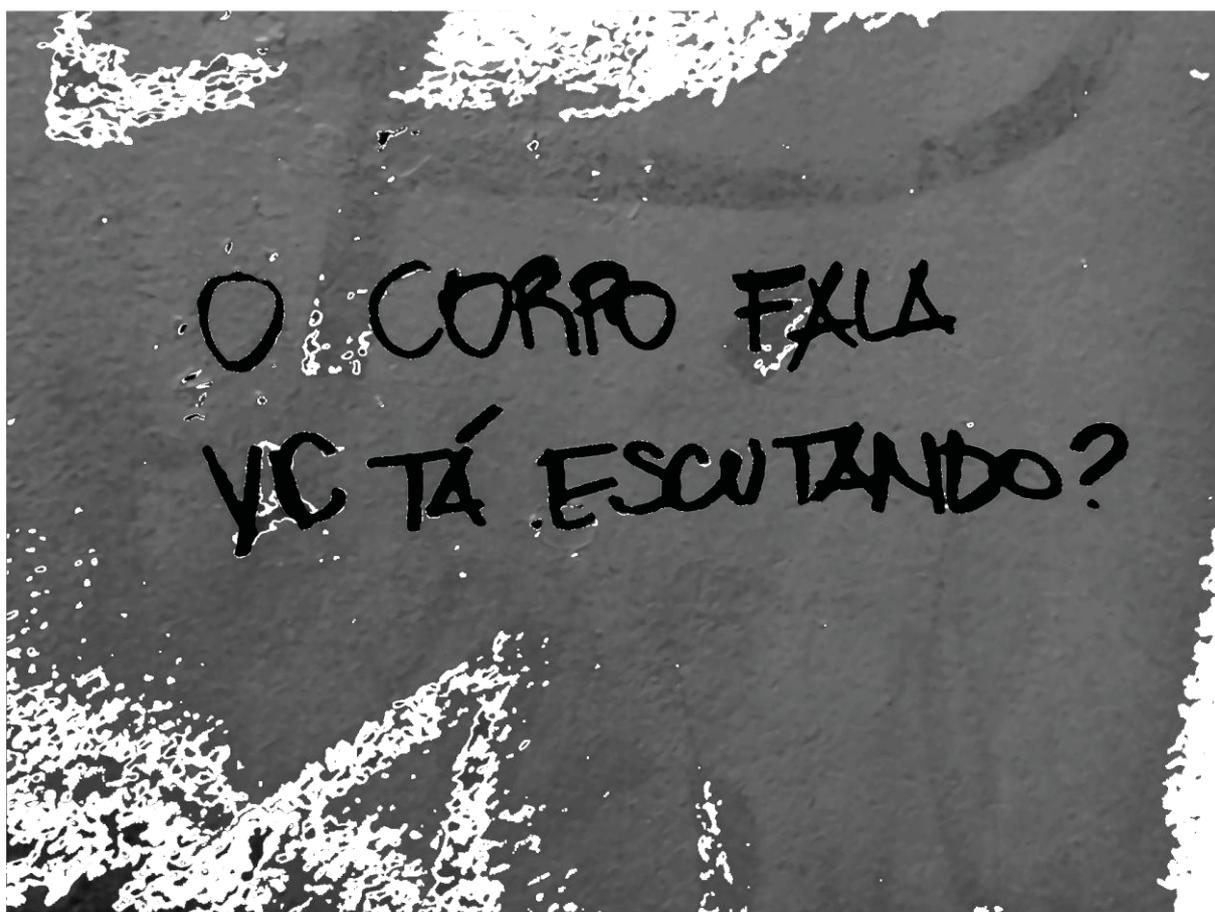
cadeiras

carteiras

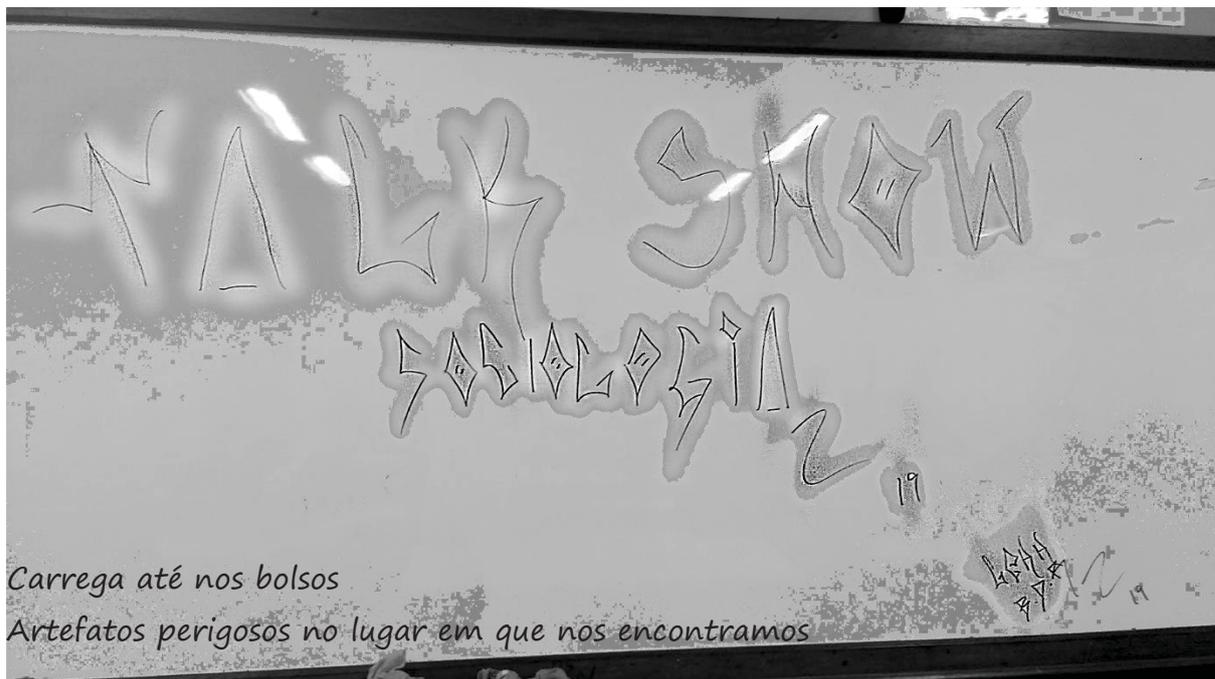
filas

fileiras

Corrida contra a monotonia.



*Cultivar interesse pelas pequenas estórias.
Ter respeito com tudo que chega que não desrespeita.
Criar espaço entre as tomadas desse filme, que esse seja o espaço da porta aberta, a
fertilidade do silêncio.
É o simples substantivo a única coisa que aquilo poderia ser e é.
Ética de vida, contorno das situações explanadas.
Novas realidades convocam outras relações. Ficção.
Tornar-se solar.
Olhar fora do foco.
Abandonar o foco.
Deslocamento que se vive.
Perceber as diferenças e as variações.*

Canetões

*Escreveu o nome do nosso exercício em letras de pixo na lousa
Ela até parecia mais viva Até a tag dele rolou
Me abraçou no final*

Obs.: apagamos a tag antes de sair



O branco do uniforme variou.
Era oxumaré em uma guia.



Uma criação encontrada no experimento
de um ateliê sociológico com os
estudantes.

Contam que tereza ocupa outros lugares do mapa-múndi. Que vem por urgência. Que seus nós ressoam a enunciação caminho de fuga. Possível conexão/encontro com o fora. Teresa tem tradição. De mais de 500 anos. Origem nobre, na literatura e na mística religiosa. Data do século XVI. Quando Santa Teresa e São João da Cruz propunham reformas para o mosteiro dos carmelitas, mas os poderosos da instituição dizem não e os perseguiram. Ali também o contrário a ordem tinham sua ficha de ocorrência, e com as resistências em abrir mão do que defendia João da Cruz foi trancafiado numa cela de 3mx1,80. Retirado para seções de torturas, para ali retornava e assim passou meses até que... Uma luminosidade em imagem de Santa Teresa se sofreu os ventos de criação de sua fuga. Indicou: tomar os materiais que tivesse a mão. Os velhos cobertores. Rasgasse. Atasse. Nós. Torcesse, chegando a uma corda. Com ela saltasse janela afora. Saltou, tombou, levantou e saiu correndo pela noite escura. Foi dar no convento de Santa Teresa pronto a lhe dar abrigo.

A história do santo fugitivo, que com a ajuda de Santa Tereza inventou seu caminho para fora de seu encarceramento logo correu pela Espanha. E, desde então, os presos que batiam em retirada pelas cordas que produziam, em confiança carinho e respeito às chamavam de tereza.¹¹

¹¹ Inscrito com referência ao texto "Teresa" de Geraldo Mourão pai do artista Tunga que consta no Catálogo de sua exposição "Assalto" onde teresas compõem seu trabalho. Esse fragmento é trazido por Martha Martins em seu texto "Narrativas ficcionais de Tunga" no qual explora os movimentos da obra do artista.



10. NÓ V

Escola com ruas, seus becos e vielas. Suas periferias, minoridades, tudo aqui, escola. Atravessada, escola de vários a compor vida com outros vários, se encontram e desencontram nesse espaço-tempo, criam outros espaços-tempos para ali existirem à suas maneiras. Quando sua aliança não está presente na cadeira ao lado ela vem pelo celular, pelas redes, pela batalha de rima no grupo do *whatsapp*, pelos livros, pela música a tocar no seu fone... redes, redes, linhas conectivas infinitas tanto quanto seus desejos as chamam.

Uma cabeça entre as vidraças. Há o que não cabe, pernas na mesa, bumbum na mesa e não na cadeira, página em branco quando o quadro tá cheio, banheiro a qualquer hora (-Não esqueça o crachá que valida sua ida pros olheiros lá de fora), papos, as linguagens que eles trazem, canetões, fones, celular, música (- Por favor não esqueçam do perigo da JBL). Para tratar as delinquências haja ficha de encaminhamento, termo de compromisso e sermão. Estudantes sopram estratégias, uniforme vai pra cabeça, senta-se no fundão pra que não se repare em como usam as cadeiras, tira-se foto do quadro, mãos se encontram com o bilhete maroto, tampo da carteira é tela em branco para o que não se pode falar e pro que ainda não ficou para prova que é daqui a pouco (colas também são obras de arte), sussurrar códigos aos pés do ouvido (a mensagem tem que ser objetiva e certa), capuzes a esconder os fios a propagar seus espaço-tempo sonoros, os canetões ficam no bolso e quando saem alguém cuida da porta, bom a JBL camufla-se no moletom até a quadra na aula vaga ou na hora do recreio (às vezes soltam o som no intervalo entre uma aula e outra. Todo mundo dança, e quando perguntam quem foi... Parceria é parceria)

Virtuais que habitam o entre. Virtuais entre a folha de caderno e ela se fazer uma fita lançada janela afora. Tornar-se tereza. O olhar-tereza do seu criador aos corpos que correm na quadra de esportes e a criação. Talvez pela bola, talvez bem para além disso, talvez a fugir com outras maneiras de existir na sala de aula. Questões da ordem da arte de existir, que é “uma questão de direito, mas é mais do que nunca a questão da arte: através de que “gestos” instauradores as existências conseguem se “colocar” legitimamente” (LAPOUJADE, 2017, p. 25). Virtualidades em movimentos de instauração na criação do existir. A criação em testemunha de um cosmo. Trazendo modos de expressões dissidentes. Criação a advogar perspectivas

nas existências que cria. A fome que se tem de viver. Essa fome emergência do desejo a criar frestas, janelas, terezas, linhas de fuga.

Nisso tudo habitam virtualidades, que se entrelaçam à relações que não estão na ordem do útil, que não se submetem a tal questão. Se dão. Resistem a utilidade do dever ser em vias de assumir um devir. Os virtuais são arquiteturas do que poderá vir a ser. O processo de devir-fuga na criação de uma tereza em sala de aula, a qual não era imitação das costumeiras terezas pelas quais se foge das prisões, mas nos traz uma zona de vizinhança com elas. A virtualidade de uma tereza, o fazer fugir. Cria a linha a linha de fuga, mesmo ela não sendo sua possibilidade real de sair da sala de aula descendo por ela. Mas se ela não alteraria a condição de um estudante em sair da sala de aula e ir jogar na quadra, por que fazer? E por que não fazer? O desejo paira sobre o caos, nas variadas linhas que lhe afetam:

Quando eu digo: uma força de existir maior ou menor que antes, eu não entendo que o espírito compare a presente constituição do corpo com uma passada, porém que a ideia que constitui a forma de afeto afirme do corpo algo que envolve mais ou menos realidade que antes. (ESPINOSA, *Ética III*, apud, DELEUZE, 2002, p. 47).

Uma saída pela janela, se afirma na criação movida pelo processo de desejo de não estar naquela sala de forma a se sujeitar ao que deveria ser esse “bom estudante” em sala de aula. Experimenta outras relações possíveis com as folhas de caderno, tesoura, cola, caneta e janela. Experimenta outras possibilidades de fazer fugir sala afora.

11. TEREZA IV¹²

FONTE: criação da autora da dissertação com fotografia de desenhos do caderno de uma estudante.

¹² As imagens em destaque nessa escrita com os Sementes são dos estudantes enviadas a nós em trocas de e-mails, conversa via meet e whatsapp.

Sabia, e até havia acompanhado algumas ações de um projeto promovido por uma universidade da cidade que trouxe para escola ações que promoviam a ambientação escolar e em entrelace com questões socioambientais. Mas o projeto havia se encerrado e não havia ficado nem o cantinho da leitura que tinha sido criado.

No desenvolvimento do projeto na escola com os estudantes, a horta que já vinha sendo puxada por um professor ganhou nova luz. As ações que decorrentes modificaram a ambientação de alguns locais da escola e o grupo de ação com os estudantes ganhou o nome: “Metamorfose”. O projeto enquanto extensão se findou.

Manjerição¹³:

-Foi mesmo uma metamorfose, principalmente o mexer na terra. O sentimento era que o projeto crescia junto com a gente. E aí ele ia se proliferando. E tinha a ver com nosso direito de acessar outras coisas na escola. Era plantar com amor, plantar com amor.

E essa desinstitucionalização das ações dos estudantes com alteração daquele ambiente, que continuaram, começaram não soar agradável. Isso culminou na retirada de muitas presenças que haviam ficado escola dentro, como um espaço com puffs para leituras, entre outros. Mas a terra ficou.



¹³ Essas falas registradas em nossos encontros tem levam a forma que os estudantes propuseram ser identificados.



A NATUREZA E A SUA
INTERVENÇÃO NO SER

Não lecionava a eles, mas sempre rolava um papo nos esbarros. Me chamavam a atenção. O que está acontecendo aqui? Quatro estudantes toda a segunda no contra turno de suas aulas voltando do pátio com as calças de uniforme remangadas, com as mãos sujas de terra e entre gargalhadas?

Às rosas que não foram plantadas:

- Por que alguém viria no colégio de tarde?
- É uma quebra forte ao padrão da rotina escolar.
- Vem por motivação. Aprendizagem pra vida.
- A gente tá aqui sozinho é nois por nois.
- Era uma quebra das relações robóticas desenvolvidas com a escola. Todo dia chega tal horário, aula 1, 2, 3... recreio, aula 4, 5. Agora é hora de ir embora. E pronto acabou.

Semente de Suculentas:

- Era isso, no Metamorfose montamos um cantinho da leitura, mas aí a direção queria que tirássemos os puffs, pras pessoas não sentarem perto uma da outra. Oi?
- Mas continuamos, pintamos o muro e foi muito massa por que tivemos que fazer o corre de conseguir as tintas, fomos pedir mesmo em loja que tinha em torno do colégio. E às vezes era como se o bairro tivesse descobrindo um colégio que há mais 60 anos tá ali. E ao mesmo tempo achavam massa a ação, quem já conhecia dizia que ficava feliz que o colégio tava assim porque conhecia pela frase: _____ão, só tem ladrão.
- Todo mundo tava muito feliz, queria que aquilo continuasse existindo. A gente saia em bando pelo bairro. Outro sentimento chegar, estar e até mesmo ir embora da escola.



Semente de Suculentas:

- Mas a gente teve que se dobrar quando terminou o metamorfose, tivemos que nos pedir ajuda a um professor pra ser coordenador do projeto. Mas deu boa, porque o professor era uma pessoa da agroecologia e massa. Só que sabíamos que o projeto era nosso, nossa responsabilidade e ação.

Os modos de existir na escola com a terra abriram experimentações de outras salas de aula possíveis além da tradicional e parte dos estudantes do grupo não quis se desligar dessas possibilidades. O projeto se reconfigurou, tornou-se: Sementes. Quatro estudantes que estudavam durante a manhã permaneciam assiduamente uma tarde da semana nas novas salas de aulas que haviam cavado.



Nossos encontros foram se dão pelos corredores, um dia a conversa era mais longa, no outro um oi e um comentário sobre a mão suja de terra e o cheiro da terra que carregava. Me chegaram com alecrim. Visitei a horta. De todo o espaço daquela escola tão pouco dele não tinha o chão coberto por cimento. E era pra esse pouco espaço que desejo dele chamava. A música na caixinha permanecia. Largando a mochila, os cadernos e explorando aquele espaço com a enxada. Era o encontro entre eles, inventar novos ares pra relação com escola. Colocar no cardápio do lanche o suco de couve com mente, ambos cultivados por eles.

Sementes de Pau-Brasil:

-É ocupar aquele lugar e que contribuía inclusive pra saúde mental.

Semente de Suculentas:

-As conversas que a gente tinha...

-Claro que esse contexto era mais difícil, o Sementes, por que a gente que tava no controle. Mas a gente queria deixar o colégio mais de um jeito de estudante. Imaginar uma escola que não pareça um colégio sabe?

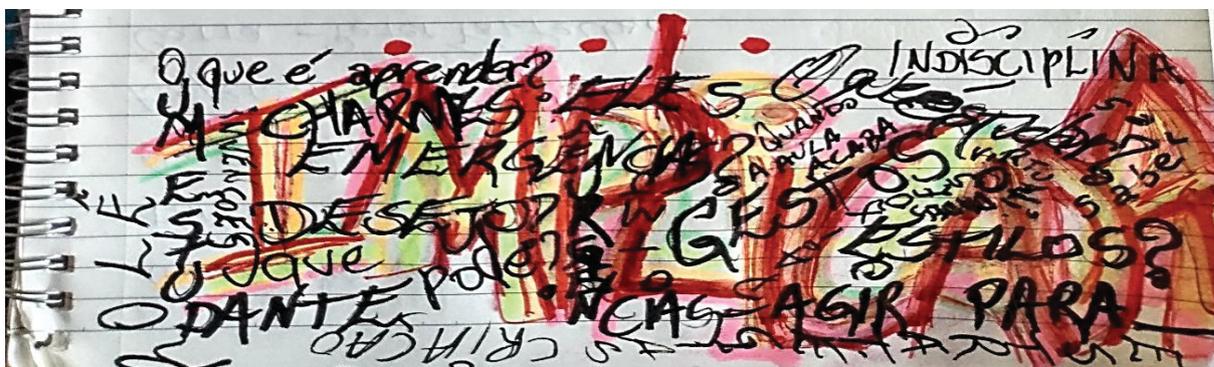
- Aquecia muito coração passar e ver a planta crescer ali.

Eles seguiam em andanças com existências menores da escola, quem pensa sobre o que pisa? Professores e colegas seguiam a lhes perguntar, pra isso?



A utilidade nos assombra. Tem sido fonte energética para os modos de produção de subjetividade. Organiza a vida humana no status do capital, no sentido mais prático e cruel que esse possa imprimir. O útil impregnado à vida. No trabalho, o útil nas relações sociais, a utilidade dos desejos, dos afetos, da energia e tempo depreendido para algo. A utilidade como fonte de modelização é também produtora de angústia, da sensação de não pertencer. A produção desses modos de vida valorados pelo capital marca os aspectos da vida humana, os mecanismos de produção de subjetividade atuam e moldam o cotidiano. Internalizamos papéis sociais, relacionamo-nos com o ambiente como mero cenário e, no entanto, há algo em nós que apela à inutilidade, ao caótico, ao devaneio, ao perambular, ao ócio, ao inútil. (TÓFFOLI, 2019, p. 23).

12. UMA PROFESSORA EM (DE)FORMAÇÃO



(...) Quero ser rio, ser fonte, correr
 Fazer sustentável em minha presença a leveza do ser
 Quero brincar, florescer, coração
 Quero meus pés em contato com o chão (...)
 Sem ver que dá certo, confiar, confiar
 E rir muito mais e pouquinho chorar. E do lago, pro rio, do rio, pro mar
 Dissolver as duras paredes que construí com músculos, areia e cal
 E suavemente tornar maleável a dureza do metal
 Retirar das flechas-palavras o veneno letal
 Abrir mão do sempre certo, do sempre perfeito, do ideal
 Correr o risco de sentir
 Receber em meus braços, acolher, abrir
 E quem sabe assim com as armas no chão (...).

Dura Ação - Roberta Estrela D'Alva (Tempo: 01:35)
<https://www.youtube.com/watch?v=RCAJGE5SqvM>.

Capturada, provocada, emaranha-me. Escapo à deriva com o que não cabe, com que tentam colocar pra fora, ou até mesmo expulsar deste espaço-tempo institucionalizado.

Me jogo com o que se faz caber e passa despercebido pela polícia desse lugar, das grandezas às miudezas, principalmente essas últimas. Ainda mais se forem inúteis e intensas de sentido pra quem as traça.

Ao adentrarmos na sala de aula, somos um arcabouço teórico e um corpo identitariamente definido pela prática docente, treinado a não deixar, a impedir, ancorado na disciplina como aval de segurança. Conter faz parte da dominação. A estrutura educacional formal e do trabalho docente planeja tudo, inclusive os saberes dos educandos e como eles se darão. A máquina do ensino obrigatório atua em movimentos de subjetivação constante com palavras de ordem de dever ser ao estudante. Constitui-se a partir de situações e objetivos pré-fixados idealizando uma prática docente.

Na construção de nossas revisões bibliográficas acerca das produções acadêmicas em educação sobre estudantes secundaristas, a grande maioria dos trabalhos volta-se à consulta de variáveis como: gênero, violência, trabalho, etc. Outra grande parte das pesquisas acessa os estudantes como base para legitimar ou não o sucesso de uma prática docente. Raríssimos são os trabalhos que de alguma forma dão a eles um lugar privilegiado para pensar educação, escola ou apresentam seus modos de existir nesse espaço sem nomeá-los em categorias de análise.

Nos envolviam desde que pisamos na sala de aula, com o ensino de sociologia durante o 1º ano da licenciatura em ciências sociais, certas inquietações e encantamentos com relação à variação dos modos de existir estudante. E tudo o que desde a desobediência, descaso e sensação de não pertencimento da escola que certas atitudes me soavam. Era um sentir-se deslocada da identidade professora toda vez que ela era evocada como controle, como aquele que deve fazer X acontecer de determinada maneira, como quem deve avaliar o conhecimento dos estudantes objetivamente em enunciados abstratos, como quem deve ter controle da turma e como quem tem os estudantes como seus inimigos que impedem o sucesso do que se pensa para aprendizagem formal. Emaranhava-se a isso uma certa sedução pelos estudantes, que por muitas vezes era vencida pela busca em atender a identidade professora. Me perdia em sala, me dissolvia, já havia esquecido o estabelecido pra aquela aula e ia com eles. Me vibrava muito mais suas intervenções que os objetivos

do meu planejamento. Todos esses movimentos durante muito tempo me ocuparam em alegria e culpa. Me desterritorializava, suspeitando da identidade professora.

E então nos sentimos inseguros, e não sabemos o que ensinar, e não sabemos com que cara nos apresentar na sala de aula e com que palavras nos dirigir a nossos alunos, e já começamos a duvidar de que tenhamos cara, ao menos essa cara sole e bastante dura que costumam ter os educadores quando falam em nome da verdade, e já inclusive duvidamos que tenhamos palavras, ao menos essas palavras seguras e asseguradas que pronunciam os educadores quando falam em nome da realidade. E agora? (LARROSA, p. 206, 2017).

Era capturada pela auto cobrança do atendimento das palavras de ordem da escola. Ao me sentir fora da caixa, para quem não era uma boa professora, uma série de autocríticas e boicotes que tanto a pouca experiência, como as alianças de pensamento que me decompunham, que me acompanhavam numa dificuldade de pensar a diferença por ela mesma e não em relação a X. Caos instalados em todas as relações que compunham tudo isso. Um caótico esvaziamento das seguridades. “Mas o vazio é também o nome da possibilidade.” (LARROSA, p. 206, 2017).

A escola ocupa uma posição efetiva de reforço dos sistemas de produção da subjetividade dominantes. Ensinando a partir de grandes cânones, sem novo na ciência, sem novo na sala, nem novo na vida. Processos outros foram se dando na professora atravessada pelos encontros com os estudantes secundaristas, os quais foram se intensificando na travessia essa cartografia.

Nos toca pensar a questão das aberturas, como permito que o fluxo da potência própria de cada estudante desterritorialize a tradicional sala de aula. Cria-se uma outra, outras. Tantas quanto a multiplicidade negada na primeira que se acha única, homogênea. Um estar fora do tom, que amedronta, pois a disciplina se mostra ainda como aval de segurança, conter faz parte da dominação. Mas e o caos? E tudo o que foge por entre os dedos, mesmo quando a disciplina se estabelece? E agora, o tempo acontecimento de uma aula?

Terezas. O atrevimento ao singular dos estudantes secundaristas...

Também precisamos disso tudo. Respirar dessa marra toda. Deixar de dizer como. Deixar o dever ser. Abandonar o apego de ser quem sabe o melhor para os estudantes. Pesa pra gente também. Mas é difícil admitir.

Experimentar enquanto professora o desaparecimento.



FONTE: postagem do perfil do instagram @adesivões.

A afirmação da diferença, o olhar intensivo para as resistências e criações dos estudantes abrem espaço para outras possibilidades de pensar e experimentar aprendizagem e educação.

Aprender implica o encontro intensivo com os signos. Encontro que transborda estruturas organizadas do ensino e ultrapassa a ideia de se tomar o outro como modelo. O signo implica a heterogeneidade como relação. Não se aprende fazendo como o outro, mas fazendo com. (SILVA; KASPER, 2014, p. 727).

Nesse movimento foi preciso pensar, alimentar e cultivar o corpo cartógrafo e professora que adentra a sala de aula e como esse estava aberto para olhar, pensar e cartografar os atos de estudantes, tal movimento marca diretamente o processo (DE)FORMAÇÃO da ação docente.

Kasper (2004), no acompanhamento de um processo de iniciação ao clown traz com ele uma forte aliança para pensar outras possibilidades de vida e uma aprendizagem por contágio. Fez-se necessário então criar um corpo clownesco para que possam operar pelo contágio. A criação desse corpo é uma importante provocação para pensarmos nossos encontros com os estudantes e seus processos de criação e resistência que contagiam nossas ações docentes:

Corpo capaz de afetar-se também pelas forças da sua época e do momento preciso em que atua. A iniciação clownesca torna-se uma experiência de devir outro, aprendendo a afetar e ser afetado, envolvendo uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo, um estado de alerta e ao mesmo tempo de grande entrega e disponibilidade. Nesse sentido, ele extrapola o termo pessoal, pois trata-se das ressonâncias dos encontros. Trata-se de algo que ocorre entre o clown e o outro — seja uma laranja, uma pessoa, um vento, uma borboleta que passa (KASPER, 2009, p. 206).

Inscriver no mundo uma cartografia experimentando graus de intimidade, aberturas e contágio com as maneiras de existir dos estudantes secundaristas em cada encontro e momento. Exercitar os encontros, tendo como critério ético e político a expansão da vida.

Quando o diagrama de poder abandona o modelo de soberania para fornecer o modelo disciplinar, quando ele se torna “biopoder”, “biopolítica” das populações, responsabilidade e gestão da vida, é a vida que surge como novo objeto do poder. (...) Só que, quando o poder toma desta maneira a vida como objeto ou objetivo, **a resistência ao poder passa a fazer-se em nome da vida**, e a volta contra o poder. (...) Contrariamente ao que dizia o discurso já pronto, para resistir não há nenhuma necessidade de invocar o homem. O que a resistência extrai do velho homem são as forças, como dizia Nietzsche, de **uma vida mais ampla, mais ativa, mais afirmativa, mais rica em possibilidades**. (...) Quando o poder se torna biopoder, **a resistência se torna poder da vida**, poder-vital que vai além das espécies, dos meios e dos caminhos desse ou daquele diagrama. A força vinda do lado de fora – não é uma certa idéia da Vida, um certo vitalismo, em que culmina o pensamento de Foucault? **A vida não seria essa capacidade de força de resistir?**¹⁴ (DELEUZE, 2005, p. 98-99).

¹⁴ Grifos nossos.

13. TEREZA VI: RADICALIZAÇÃO DE MICRO OCUPAÇÕES DA ESCOLA

SANTA TEREZA-Pedro Bomba

<https://soundcloud.com/pedrobombapoesia/santa-tereza>

Tereza deitada na calçada
 Na frente da porta da Caixa
 Não tem faixa
 Nem nada

Tereza de lençol fino
 Não serve pra muita coisa
 No frio da madrugada
 Mas é o que tem
 Pra quem não tem
 Nada
 É o que tem
 Pra quem não tem nada

Talvez outra pessoa Tereza, Pra se juntar e dividir o que não tem
 Repartir o que não tem parte
 Muito menos inteiro

Delírios de pedra
 Nos morros de pedra
 Acesa desde ontem
 Aqui mesmo em belo horizonte
 Tereza gosta é de raça negra
 Canta pra lá e pra cá
 E é fã
 De noite de rua cheia,
 Tereza está lá
 Santa Tereza

Deitada no divã

Da calçada.

13.1 *Motín En La Sala*¹⁵

Pingüinos en huelga¹⁶:

Chile. Estudantes secundaristas protagonizam um processo de lutas sociais que inaugura outras formas de organização estudantil. Assim chamados por conta de seus uniformes composto por uma camiseta branca/azul, com colete em “V”, uma jaqueta preta e gravata, esses estudantes iniciaram suas lutas com pautas como passe livre estudantil, mas os processos abriram a agenda e demandas as quais iam muito além do chão da escola.

Uma semana de paralisações em abril de 2006, o anúncio de explosões combativas maiores. Tratados como rebeldes:

Adolescencia, juventud = Inocencia? Discapacitado? Inmadurez?

Para Los Pinguins, todas essas afirmações e nomações sobre eles caminhavam lado a lado com a emergência em pautar as questões educacionais em construção de uma luta que inaugurou novos formatos de lutas secundaristas no século XXI. Para além das ruas a tomada de las escuelas se estabelecem como necessidade quando la repression em las calles atinge o ápice de violência e detenção contra os estudantes.



FONTE: print screen de cena do documentário.

¹⁵Música de Guerriller Okulto: “Montin En La Sala” https://www.youtube.com/watch?v=hjmqRI2_Vlc. Essa música abre o documentário “La rebelión pinguina”.

¹⁶La rebelión pinguina - Carlos Pronzato, (2007/Chile) foi nosso encontro audiovisual com processo de ocupação das escolas chlenas e nossa base de informação e contágio desese escrita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gAhmprfZnaY&t=220s>.

“¿Cómo ser el futuro, sino somos el presente?” (Frase em cartazes das ocupas chilenas), estudantes tomam seus colégios, inventando formas autogestionadas e singulares de luta.

Saltar de carteras en filas ... ¿rumbo? No se sabe. Pero es urgente saltar. Cambiar. Si es posible lo imposible.

Germinou nesses processos possibilidades de coesão e coerência na diversidade dos estudantes e seus contextos escolares. Abalos sísmicos da sociedade. Discussões convocadas pelas ocupações estavam na ordem das demandas das desigualdades sociais. Entrelaçaram-se demandas estudantis e demandas sociais, a desigualdade social da sociedade chilena era reverberada como gritos de alerta nas ações de jovens estudantes das ocupações

-Eu reconheço que antes não sabia nada sobre educação, me importava mais apenas vir ao colégio, cumprir minhas obrigações e pronto.

Nascimento da problemática, nascimento da força para luta.

-Estamos mostrando que as condições objetivas podem ser superadas com o subjetivismo próprio da classe popular.



FONTE: print screen de cena do documentário.

[...] quando parece que “tá tudo dominado”, como dizia o funk, no extremo da linha se insinua uma reviravolta que ressignifica a própria dominação como segunda. Aquilo que parecia submetido, subsumido, controlado, dominado, isto é, a vida, revela num processo mesmo de expropriação a sua positividade indomável e primeira. Não se trata de romantizar uma capacidade de revide e de resistência, mas sim de repensar a relação entre os poderes e a vitalidade social na chave da imanência. Poderíamos resumir esse movimento do seguinte modo: ao poder sobre a vida, biopoder, responde a potência da vida, biopotência. Ao biopoder responde a biopotência, ao poder sobre a vida responde a potência da vida. Mas esse “responde” não quer dizer uma reação, já que a potência se revela como o avesso mais íntimo, imanente e coextensivo ao próprio poder (PELBART, 2015, p. 21).

Criar com aquilo que se tem à mão. Corpos podem ser escudos, mesmo que do outro lado das barricadas possa lhe dizer frágil. A energia das emergências e experiências da rua os acompanha pra escola. Escola toda contagiada de rua, mais transeuntes, mais esquinas, mais encontros, vozes coletivas e intensidades com espaços mais deslizantes.

Como caminha na escola um corpo que se desvia do jato de água? Um corpo que não para porque a bomba de gás está fazendo o trajeto em sua direção?

Cassetete, gás de pimenta, jatos de água a pressionar corpos contra paredes, bombas de gás, detenção em massa e extrema violência policial. A repressão da rua levou os pinguins para escolas. Tomaram as escolas e a questão agora era como se organizar a partir dali.

Assembleias, retirada de dirigentes porta-vozes das organizações, proliferação e sustentação das redes secundaristas por grupo do *messenger* e com o celular na mão. Lembre-se: se fazia necessário serem sua própria mídia. As construções de faixa, a escola a receber artistas, a receber saraus. Desenvolveram regulamentos, orientações que permaneciam abertas para serem alteradas a qualquer momento. A entrada aos colégios só permita mediante a responsabilização de um estudante pela sua entrada e permanência. Sistema de turnos para todas as atividades. Mas saibam é possível realizar limpezas com felicidade. Revogabilidade de seus porta-vozes. Manejamentos coletivos contínuos de como as relações de luta e entre eles iria se dar. Proliferação em escala nacional, e anos depois a anúncio que o contágio se dá para além do Chile.

Para Los Pinguins, não era possível uma cidadania disciplinada, que conforma o ser ao que se deve ser. Nascidos no regime democrático. Há uma força de luta no caso chileno contra todo o sistema de ensino, governo e econômico. Máquinas que não os reprimem, eles com ímpeto de resistir são a falha dessas máquinas. Seguem, desenvolvem táticas, estratégias, até mesmo conseguir notar que resistir tem a ver com defender outras formas de viver que frustram a máquina capitalista.



A luta dos estudantes não começou agora, e está longe de terminar. Em 2006 e 2011, o Chile viveu a "Revolta dos Pingüinos", um movimento massivo de estudantes secundaristas que exigiu uma educação pública gratuita e de qualidade. Durante meses, as escolas do país inteiro foram ocupadas pelos alunos - que entravam, tomavam o prédio, montavam acampamentos, e só deixavam dia e noite como forma de protesto, até as reivindicações serem atendidas.

As ocupações começaram nas escolas onde as famílias estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente quase todos os colégios do Chile foram tomadas pelos alunos.

Essas ocupações servem para por pressão no governo e chamar atenção da mídia, mas também para aumentar a força e a organização do movimento secundarista. Nos países, os alunos fazem assembleias regulares para discutir os rumos da luta. Essas assembleias eram coordenadas em toda cidade, permitindo que fossem feitas mudanças simultâneas e tomadas grandes atos decisivos.

Já **percebo os fenômenos iguais em São Paulo?** Para aprendermos com nossos companheiros de outros países, traduzimos alguns trechos do manual sobre "Como ocupar um colégio", escrito por estudantes da Argentina durante seu movimento.

MAL-EDUCADO
<http://gremiolivre.wordpress.com>

2. ORGANIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO

Com esse texto não queremos nada mais que tentar deixar mais fácil o caminho para os ocupantes.

Os que ocupam um colégio não devem ter medo de serem chamados de "grêmios" ou "comitês", mas devem saber que não são esses órgãos que vão definir o período de ocupação.

Não existe fórmula secreta nem perfeita para ocupar um colégio. Simplesmente é necessário ter alguns princípios básicos, ter clareza sobre como se organizar e agir com responsabilidade. Uma vez que a ocupação é um ato político, a organização deve ser primordial e "obrigatória", que se discute como se organizará todo o processo de ocupação, para garantir que todas as tarefas sejam cumpridas no prazo e de forma propícia, sempre respeitando a democracia direta.

Para que a ocupação seja mais eficaz, é necessário dividir o trabalho em comissões de trabalho, com nomes específicos para cada tema específico, que fiquem responsáveis de supervisionar e cumprir as tarefas designadas para elas.

As tarefas mais importantes são: organizar a ocupação em um único processo de ocupação, garantir a segurança dos ocupantes e garantir a segurança do colégio. Ou seja, ele deve se assegurar para que haja pelo menos jantar e café da manhã. Pode cuidar do almoço, mas como esse é um horário em que há mais pessoas entrando e saindo do colégio, é mais fácil conseguir alimentos do que nos horários em que o colégio está mais vazio.

SEGURANÇA - É a tarefa mais importante durante a ocupação. Qualquer tipo de briga ou desentendimento entre os estudantes. Ela deve fazer as seguintes tarefas:

- Fechar os principais acessos à escola e garantir que sempre tenha alguém os vigiando;

• Impedir que qualquer pessoa não autorizada pela assembleia entre na ocupação (depende do que for decidido coletivamente: professores, autoridades, jornalistas, pais, alunos de outras escolas, alunos que possam representar uma ameaça, etc.) exceto durante a realização de atividades abertas. Durante todo o dia deve haver um grupo responsável de companheiros na entrada principal - no mesmo bloco - que anota em uma lista quem entrou e saiu e o horário em que essas pessoas entraram e saíram. Com isso, há um controle que garante um número constante de pessoas na ocupação. Ao encerrar a ocupação, essa lista deve ser destruída, para que não caia em mãos de autoridades que possam chegar a utilizá-la contra os estudantes, fazendo "listas negras", punindo, expulsando, etc.)



* Geralmente as autoridades não permitem que grupos de ocupação de escola e podem chegar a "interromper" ou "fechar" a ocupação se os alunos não se dispersarem, etc. Isso deve ser evitado a todo custo, tendo em conta que a ocupação é um ato político. Os ocupantes não devem ter medo de serem chamados de "grêmios" ou "comitês", mas devem saber que não são esses órgãos que vão definir o período de ocupação.

• Fechar o uso de elevador, dragão, entre os quaisquer outros pontos gerando perigo para a ocupação. Isso pode ser garantido através de controle através de materiais, permitindo que não chegue a ocupação ou que não chegue a sair.

• Evitar a saída de alunos, dragão, entre os quaisquer outros pontos gerando perigo para a ocupação. Isso pode ser garantido através de controle através de materiais, permitindo que não chegue a ocupação ou que não chegue a sair.

SEGURANÇA - É a tarefa mais importante durante a ocupação. Qualquer tipo de briga ou desentendimento entre os estudantes. Ela deve fazer as seguintes tarefas:

- Fechar os principais acessos à escola e garantir que sempre tenha alguém os vigiando;

3. PLANO DE AÇÃO

O plano de ação tem o objetivo de explicar a plano de ação escolhido para a luta dos estudantes secundaristas da cidade. Nessa estratégia deve-se considerar ocupar a luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade. As ocupações envolvem de colégios são uma das ferramentas dentro desta estratégia. Para garantir, todos devem saber como ocupar um colégio, quando devemos entrar, quando é preciso ocupar e quando é preciso desocupar. No mundo atual, não podemos ocupar, mas se também não desocuparmos no momento certo, vamos nos perder e desistir, e não conseguiremos o que queremos.

Compreendemos que ocupações rápidas, que não permitam usar nossas forças de forma mais eficiente possível. Não devemos nos desligar no início da luta, além disso devemos deixar claro que não ocupamos um colégio porque queremos, uma ocupação é sempre o último recurso, depois que todos os canais de diálogo e os outros meios de luta tenham se esgotado. Não é nenhuma tarefa ter que deixar todos os dias no colégio, mantendo os membros do governo e dos meios de comunicação que não apresentem como responsáveis que não querem estudar. É por isso que ocupações devem ser relativamente curtas (por volta de uma semana), para obter um canal de diálogo, e ser se o governo está disposto a atender nossas demandas.

Se depois das primeiras ocupações e das estratégias de negociação o governo entrar em uma postura contra a educação pública, devemos que desde essas forças secundaristas. Se condições que somos muito fortes, que conseguimos convencer os estudantes de que eles devem estar dispostos a ocupar seus colégios, então vamos desocupar o colégio para que não tenhamos que estudar como desocupamos de ocupação em toda a cidade. No entanto, se vemos que não temos forças suficientes para ocupar as escolas, então não vamos entrar em luta. A ocupação não é um fim em si mesma, é só uma ferramenta dentro de um plano de luta maior, e não é o objetivo final. O plano de ação governamental sobre a nossa educação, não vamos nos ocupar. Por isso, se não temos condições para ocupar, temos que encontrar outras maneiras para defender nossa educação, como levantamentos de ruas, manifestos, jornadas culturais, debates abertas com nossos pais, etc.



ASSEMBLEIAS - A assembleia é o ponto mais importante durante uma ocupação. As decisões mais importantes são tomadas por ela e são discutidas nela. É importante que se incentive a participação de todos os ocupantes e não só dos mais experientes.

As assembleias devem ser realizadas regularmente, com frequência diária, para discutir as tarefas e a organização da ocupação. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

No primeiro encontro devemos estabelecer a assembleia e o comitê de ocupação que será responsável por toda a organização e a execução da ocupação. O comitê de ocupação deve ser formado por representantes de todos os setores da ocupação, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes. As assembleias devem ser realizadas em um local seguro e acessível, com uma lista de presença para garantir a segurança dos ocupantes.

¹⁷ FONTE: Cartilha "COMO OCUPAR UMA ESCOLA", escrita por estudantes do Chile e da Argentina, organizada no Brasil por O MAL EDUCADO - LUTA E ORGANIZAÇÃO NAS ESCOLAS (2015). Com intervenção da autora. Para acessar versão online: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>.

13.2 INVADIR? NÃO, A GENTE VAI OCUPAR!

Ser um “bando”: os bandos vivem os piores perigos, reformar os juízes, tribunais, escolas, famílias e conjugalidades, mas o que há de bom em um bando, em princípio, é que cada um cuida de seu próprio negócio encontrando ao mesmo tempo os outros; cada um tira seu proveito, e que um devir se delinea, um bloco, que já não é de ninguém mas está “entre” todo mundo, se põe em movimento como um barquinho que crianças largam e perdem e que outros roubam. (DELEUZE; PARNET, Diálogos, 1998, p. 9).

AI CARALHO BATEU UMA ONDA FORTE!

TÔ VENDO OCUPAÇÃO DA ZONA SUL A ZONA NORTE!¹⁸

A realocação de estudantes em São Paulo em 2015 tem como início uma série de manifestações dos estudantes contrários à medida, que além da realocação também fecharia mais de 98 escolas estaduais. Não tendo respostas aos atos, atos em grande medida puxados por estudantes secundaristas autônomos, que não tinham necessariamente experiência com a tal organização de lutas, organização cobrada por vezes pelos movimentos estudantis tradicionais. Movimento estudantil ou luta estudantis? O que nos colocou em vibração não estava na ordem das agendas dos tradicionais movimentos estudantis, mas sim nos processos de ocupação, agenciamentos e luta protagonizadas por secundaristas que em experimentação desenvolveram seus caminhos ação. Porque como diz Mc Koka, “pra rato inteligente, não adianta rateira”. Assim vamos com as ruas, onde se aprende tudo, correr, chutar bomba, se defender e descobrir na escola espaço a ser reterritorializado.

A multiplicidade marcava as ocupas, cada qual com sua singularidade, mas alguns acontecimentos atravessavam a todas. A pressão constante das direções e equipes gestoras insistindo em afirmar seus lugares de poder já desbancados, mas aos quais permaneciam abraçadas e acreditando fielmente que quando o Mestre fala, bom, vocês sabem quem escuta. A surpresa é que escuta não precede concordância e Mestres podem se tornar dispensáveis. E por vezes alunizar não se concretiza, então às vezes as tentativas de acalmar os corpos pela palavra dos Mestres não dão conta... CHAMA A PM. Os estudantes ocupados dia a dia tinham essas visitas cordiais e exigindo nomes

¹⁸ Palavra de ordem entoada pelos secundaristas durante as ocupas de SP.

de lideranças como responsáveis pelos movimentos. Mas a essas investidas vácuo e resistência mais diretas quando a situação de defesa exigia¹⁹.

Com essas corpas²⁰ coletivas, ocupantes de escola e outras tramas mergulhámos em algumas películas sobre e com as Ocupas.

-Vai ser filme hoje, professora?

A escrita-tereza que segue é escrita atravessada, afetada, emaranhada e contagiada por documentários que trazem os processos de ocupações de escolas públicas de 2015, que se deram especificamente no estado de São Paulo e dos processos de ocupas estudantis de 2016 e 2017 que se deram por todo o país. Processos estes que instauraram outras relações com o espaço escolar, desterritorializando este e os estudantes. Criações de outros espaços-tempos de uma escola.

Essa escrita marcada por fontes diversas, colorida, apresenta transcrições dos documentários em sua cor correspondente abaixo anunciado. As inscrições em preto, são nossas, desta professora que vem sendo ocupada também pelos secundaristas.

ACABOU A PAZ. ISSO AQUI VAI VIRAR O CHILE (Carlos Pronzato, 2015)

" A saga dos estudantes secundaristas de São Paulo por uma educação de qualidade. O levante do segundo semestre de 2015 contra o fechamento de 94 escolas, culminou na ocupação de mais de 200 que seriam afetadas pelas ações de precarização do ensino público engendradas pelo Governo de Geraldo Alckmin que vem perdendo apoio dia a pós dia. A coragem, a autonomia, a horizontalidade, a solidariedade demonstrada pelos secundaristas e o apoio popular presentes! Os gritos seguem ecoando na rua talvez anunciando uma profecia já concretizada: Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile! "

<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>

OCUPAÇÕES ESTUDANTES POR ELES MESMOS (Diego Felipe S. Queiroz, 2016)

¹⁹ Texto construído com informações oriundos dos documentários sobre as ocupas no Brasil elencados a seguir.

²⁰ A Coletiva Ocupação faz uso da palavra Corpas ou invés de Corpos buscando salientar tanto a diversidade que atravessa seus membros como também na construção de uma linguagem não sexista.

“Um Documentário que trata sobre o processo de ocupações estudantis secundaristas no Rio de Janeiro em 2016. Entenda o processo deste grande movimento pelo depoimento dos estudantes que protagonizaram este movimento histórico no Estado do Rio de Janeiro. Um longo totalmente produzido em meio ao levante estudantil: com imagens do cotidiano das ocupações, de manifestações e entrevistas com os estudantes dentro das ocupas”.

<https://www.youtube.com/watch?v=Fc8ImhiVWbU&t=306s>

OCUPA FILOMENA (Cássio Renato Cerqueira – 2016)

“O vídeo documentário, em curta-metragem, registra as últimas horas do movimento #OcupaFilomena antes do pedido de desocupação deflagrado pelo promotor de Justiça, sem documento de reintegração de posse”.

<https://www.youtube.com/watch?v=JdHBVKyFZFQ>

ESPERO TUA REVOLTA (Eliza Capai – 2019)

“Espero Tua (Re)volta acompanha as lutas estudantis desde as marchas de 2013 até a vitória do presidente Jair Bolsonaro em 2018. Inspirada pela linguagem do próprio movimento, o filme é conduzido pela locução de três estudantes, representantes de eixos centrais da luta, que disputam a narrativa, explicitando conflitos do movimento e evidenciando sua complexidade. Narrado e escrito com a colaboração de: Lucas “Koka” Penteado, Marcela Jesus e Nayara Souza.”

<https://www.youtube.com/watch?v=DIA5N72zi4Q>

A ESCOLA É NOSSA (2020)

“Dessa vez a história da luta dos estudantes vai ser contada por quem estava no front! O curta documental "A Escola É Nossa!" foi filmado por uma estudante da E. E. Fernão Dias Paes, que acompanhou os primeiros momentos de ocupação de sua escola. Idealizado, editado e produzido por estudantes que ocuparam suas escolas.”

<https://www.youtube.com/watch?v=vaT6KpdU1KU&t=1s>

LUTE COMO UMA MENINA (Flávio Colombini e Beatriz Alonso – 2016)

“Este documentário conta a história das meninas que participaram do movimento secundarista que ocupou escolas e foi às ruas para lutar contra um projeto de reorganização escolar imposto pelo governador de São Paulo, que previa o fechamento de quase cem escolas.

As meninas contam suas histórias enfrentando figuras de autoridade, desde a luta pela autogestão das escolas até a violência desenfreada da polícia militar. Uma importante reflexão sobre o feminismo, o atual modelo educacional, e o poder popular.”

<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&t=1913s>

VAI!

CATRACAR!

- É você a jornalista?

R: Sou Estudante

IIII FUDEU ESTUDANTE APARECEU!

Aula na rua.

- Cada bomba 500 merendas

Olha o Gás!

Como ir pra rua? Descobrir na rua.

Não há tempo de temer a PM.

Na rua se aprende tudo. Correr. Chutar bomba. Se defender.

Instrumentos de luta surdo, caixas, NÓS!

-Ninguém tá brincando nessa porra!

**“Eles querem que alguém
Que vem de onde nós vem
Seja mais humilde, baixe a cabeça
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda
Eu quero é que eles se”**

(“Mandume” - Emicida)

Com part. de Drika Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike e Raphão Alaafin)

https://www.youtube.com/watch?v=mC_vrzqYfQc

Como um corpo compõe desvio com o spray de pimenta?

Não tome frente a luta é nossa.

Pessoas-correntes

-Ficamos sabendo pela televisão. Já começamos a nos organizar.

Não somos rebeldes sem causa.

**-No meio de todo mundo sentamos em roda e fizemos ali mesmo nossa
miniassembleia**

Caminhar pensando a melhor hora de chegar.

Trancar antes de quem abre o colégio chegar.

-Só vai abrir às 06:30. Vamos gente, tem que ir.

Pressão.

Entram:

Apetrechos pra fechar os portões. Passar o cadeado na escola.

Um grito vem do lado de fora da escola: - Abre isso aí!

[OCUPADO]

A ocupa de dentro da escola responde: -Sem professores! Sem diretores!

E se eu não me interesso pela escola antes de entrar na ocupação? E daí?

Pátio, assembleia. Chamam o jogral.

É responsa.

Assembleia: Microfone aberto a todes, sempre!

Estudantes: É importante a gente ter controle da escola.

Chegou e ai primeiro chamou de acampamento. Aí machucou.

Cadeira – barricada – trava porta

Ocupar honrando quem foi detido.

Rua fechada pela polícia, a pressão de fora

Resposta em canto vem de dentro da escola:

“Estado veio quente, nós já tá fervendo

Estado veio quente, nós já tá fervendo

Quer desafiar, não tô entendendo

Mexeu com estudante, vocês vão sair perdendo

O Fernão é escola de luta

Andronico é escola de luta

Ana Rosa é escola de luta

Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!

Antônio Viana é escola de luta

Salim Maluf é escola de luta

E. E. Julieta é escola de luta

Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!”

Escola de Luta (versão de Baile de Favela por Mc Foice e Martelo)

<https://www.youtube.com/watch?v=QvdrLD1RbTI&t=95s>

Tá tranquilo, tá ocupado.

Só vai entrar quem a gente permitir

Comissões, assembleias, comandos, grupos de whatsapp, porta-vozes
(no outro dia estava em outra brigada)

Desformizar.

Cozinhar pro coletivo: descobrindo quantidades, fazeres, cheiros e cores.

A gente não gosta de literatura?

Não tô achando nem a biblioteca fio. Olha aí os livros escondidos.

Tem uma puta biblioteca na escola. Só que eles nunca abriram pra nós, nunca deram oportunidade. Então nós aluno aqui da ocupação abrimos a biblioteca. Quem quiser pegar, ter mais conhecimento do que ensinam na escola, pega um livro e lê, tá ligado mano. Isso que é adquirir conhecimento de verdade. Adquirir vocabulário também é importante. Pra na hora que chegar num debate, não chegar assim, “É tudo nosso caraio, é nois”. Chega e sabe debate direito. Nós tem força pra lutar contra um bafio maior.

A gente ocupou esse presídio abandonado.

Se quiser pega um livro lá.

- Agora é sério movimento ou luta estudantil?

A busca sem liderança.

Oh a convivência entre todo mundo, não tem essa parada de ciclos e tal. Estamos juntos. Aprendendo um com outro. E se a escola é uma prisão vai ter rebelião. Porque antes não se tinha noção do tamanho da escola que a gente tem.

Convocação-abertura: comunidade vai a escola.

Agora que a gente foi conversar com a comunidade, estamos com a porta aberta a ela, estamos fazendo eventos, discussões e apresentações artísticas. Mobilizados a ocupar.

Um familiar: - Sai daí menina! Virou líder do PCC agora?

Primavera secundarista

Canal secundarista: Como a mídia não nos mostra, nós seremos nossa própria imprensa.

Respeitar a decisão do grupo, solidariedade.

Nós não somos vândalos, estamos lutando.

Proliferação do pixo.

Ocupamos o que é nosso. Que organização vocês nos cobram? Olha pra isso aqui? Olha a experiência de vida disso.

Comissão antivandalismo

E a gente tá lá, junto.

Ocupar é cansativo, mas a gente tá junto.

Notamos pelas ocupações nossa falta de liberdade aqui.

-Somos ameaça pra esse governo. (Só pra esse?)

Crescendo de uma maneira absurda.

Ressignificando lutas

Estamos fazendo a escola.

Vitória política, crescimento muito grande como pessoas. Convívio.

- Eu tô boladão. Não vou deixar o temer acabar com a educação.

A gente é força de vontade.

O que nunca foi proposta na escola? Ou aceitado.

Sacar que é maior.

A luta desse tamanho é agora, nós estamos fazendo. O tamanho da luta é nós.

Não me perguntariam se a gente queria?

A sala de aula é pequena.

Se o meu filho virar professor, ele vai contar essas histórias

Ocupar e resistir, lutar pra garantir.

Visibilidade lá fora.

Heróis? Insurgentes

Eles foram sua própria imprensa.

Segurar o protagonismo, sem entidade.

Dançar, deslizar na escola.

- Brota cantor, brota cantora, brota cantore

Experimentar e inventar a escola.

Tá liberado galera! pode usar as palavras que quiser usar!

Alegria dança. Funk. Agacha levanta. Suas batidas.

Pequenos grupos de início, cresce, cresce, cresce, cresce, cresce, cresce...

Quando se pode chegam de bike, quando não rola, pula a catraca!

Contágio de possibilidades.

Peças de teatro, dança, música. Sarau.

Conseguir segurar a alegria, alimentá-la.

Inúmeras forças políticas.

Aprendizagem visceral.

Escola potência-corpo.

Construção Inter geracional.

Participação, ativa.

O tempo das ocupações foi o tempo das escolas que muitas sonham.

Corpo-ocupação

Novos agenciamentos dos encontros.

Erupção de outras lógicas de maneiras de viver e se relacionar.

Coletiva.

Oficinais e aulões não são os principais focos de aprendizagem.

Corpo-pensamento

Contágio e vibração

Aprendizagem-visceral-coletiva.

Conceber a vida como uma realidade inacabada.

Abraçar os instantes, aberturas para outros mundos.

Aceitar a ferroada. Ser afetado. Acolhimento da incitação ao agir.

Afecção. Passagem de um estado a outro. Potencializar a vida.

De vida em sujeição à norma, à política em nome da vida.

Instantes fulgurantes.

Os próprios acontecimentos.

Existe rebelde sem causa?

Só existe a obediência?

Que vire um ciclo sem fim.

Resistir é acreditar. E você acredita?

?!Se fosse só sobre escola?!

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua esse de uma interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (*uma hora do dia, um vento, uma vida...*). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder. [...] quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder? (p. 23-24). [...] Mais do que de processos de subjetivação, se poderia falar principalmente de novos tipos de acontecimentos: *acontecimentos que não explicam pelos estados de coisa que os suscitam, ou nos quais eles tornam a cair*. Eles se elevam por um instante, e é este momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar. (...) Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. *Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos*. É o que você chama de pietas. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (DELEUZE, 1992, p. 127-128).

14. NÓ VI

Dar a mão ao desejo, abertura e mergulho ao mundo do sensível, descontrolar a vida. Seguir em devir. A criação de modos de subjetividades singulares, em afirmação de outras maneiras de ser, outras percepções e sensibilidade. Essas fraturas, quebras do campo da produção de desejo, com desvios de todas as espécies.

As experiências são tomadas como referências à criação de modos de organização do cotidiano, em imanência, em referência ao que intensifica a vida. A riqueza dos processos da vida social nas riquezas de suas diferenciações. Mais experimentações. O que pode o aprender?

O desejo move o corpo, move acontecimento. Os processos de subjetivações, implicações. Há possibilidades de entristecer o regime instituído. Despedir-se do dever. Despedir-se do absoluto. “Militar é agir. Pouco importa as palavras, o que interessa são atos” (GUATTARI, 1977, p. 12).

Coordenações não hierárquicas eram bem apresentadas pelos secundaristas. O que não significou ausência de organização e estratégias traçadas para as lutas.

As ocupas e seus acontecimentos (protestos, ações na internet, peças, etc.), instauravam na realidade diversas porções de mundo diferentes, com uma forma não só de testemunha delas, mas advogados. Advogar outras ocupações, outros modos de viver estudante e outros modos de viver escola. MINHA LUTA É DANÇA! Desenhando também outros modos de luta. O que suscita essas erupções?

A introdução de uma energia suscetível de modificar as relações de força não cai do céu, ela não nasce espontaneamente do programa justo, ou da pura cientificidade da teoria. Ela é determinada pela transformação de uma energia biológica - a libido - em objetivos de luta social. É fácil reduzir tudo às famosas contradições principais. É demasiadamente abstrato. É até mesmo um meio defesa, um troço que ajuda a desenvolver fantasias de grupo, estruturas de desconhecimento, um troço de burocratas; se entrincheira sempre atrás de alguma coisa que está sempre atrás, sempre atrás, sempre em outro lugar, sempre mais importante nunca ao alcance da intervenção imediata dos interessados; é o princípio da “causa justa”, que serve para te obrigar a engolir todas as mesquinhas, as míseras perversões burocráticas (GUATTARI, 1977, p. 12).

Todas as contenções da educação disciplinar, tradicional e mecanicamente reproduzidas dia a dia na escola entraram em suspensão. Agora eram os estudantes e a escola, em possibilidade de forjar outros modos de expressão de si e do coletivo, outras relações, outras redes entre eles e com escola.

Multiplicação dos grupelhos por cada escola. Um levante, buscando a organização para sobrevivência material, inventando possibilidades para aqueles contextos. O macro objetivo das lutas da primavera estudantil entre 2015 e 2017 não anula afetos e desejos. “Utopias temporárias possíveis”. A ação direta de luta na qual se criam novos modos de interação, de relação tanto dos estudantes entre si quanto com o fora. Instaurando Zonas Autônomas Temporárias, “que se abrem como possibilidade, experiências de pico que mostram, em rápidos momentos de suspensão, como a vida pode ser vivida de outra maneira” (OLIVEIRA, 2008, p. 63). Estudantes (e outros) criando fissuras a educação disciplinar em experiência descobrindo o que os decompõe e o que os compõem, inventando agenciamentos e devires.

Existimos pelas coisas que nos sustentam, assim como sustentamos as coisas que existem através de nós, numa edificação ou numa instauração mútua. *Só existimos fazendo existir*. Ou melhor, só nos tornamos reais se tornarmos mais real aquilo que existe (LAPOUJADE, 2017, p. 99).

15. TEREZA VII: INSTAURAÇÃO

Tereza de Tunga²¹



TEREZA 1998

- **100 artistas**, fibra sintética, cobre.

Tereza que é uma obra em formato de *instauração*, realizada *sucessivamente* no Rio de Janeiro, em Los Angeles, Buenos Aires, e São Paulo, quando integrou a *instalação* Resgate, *elaborada* para a inauguração do Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, em abril de 2001. O lado *performático* da instauração Tereza teve a duração de um dia, e contou com 110 *participantes*. Tunga prefere usar o termo instauração para denominar algo que, na prática, *excede* tanto a noção de instalação quanto a de performance. Talvez uma de suas ambições seja *encontrar* um conceito mais *efetivo* ou de precisão, capaz de *aglomerar*, de uma só vez, a fugacidade do *acontecimento* proposto pela sua *obra*, bem como a permanência do que sobra desta *situação passageira*. Além disso, todo o evento de Tereza *persegue a idéia da possível aquisição da liberdade*. (MARTA MARTINS)



²¹Tunga foi um grande e provocador escultor, desenhista e artista performático brasileiro a obra com a qual atamos é Tereza “uma obra em formato de instauração, realizada sucessivamente no Rio de Janeiro, em Los Angeles, Buenos Aires, e São Paulo, quando integrou a instalação Resgate, elaborada para a inauguração do Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, em abril de 2001. (MARTINS, 2016, p. 31)”.
 FONTE DAS IMAGENS: <https://www.tungaoficial.com.br/pt/trabalhos/tereza/>, vários fotografos.

Com Tunga, a experimentação só em parte depende da proposta do artista, porque seu desenrolar como instauração vai se criando no momento, ganha força nos corpos que atuam, e depende da combinação de diversos fatores culturais, temporais, matemáticos, cuja resultante será uma combinatória que inclui ainda o acaso. Como em Hélio Oiticica, a proposta de uma experimentação abre um horizonte de possibilidades, mas seu “resultado” é imprevisível. (...)

Tereza desperta o corpo de um estado de apatia para o de uma rebelião, o que também pode não acontecer. O corpo está alerta, desperto. As possibilidades são criadas pelo corpo em ação, em cena, as cartografias possíveis vão se dando no momento presente. As possibilidades são criadas pelo agenciamento, elas não são prévias. O percurso desses corpos, na medida em que esse agenciamento se dá, entre corpos distintos, não é traçado previamente. Cartografias provisórias só se delineiam na experimentação, quando os corpos entram em contato uns com os outros. **Essas forças postas em ação, de meras possibilidades passam a acontecimentos, e o corpo traça o seu percurso no espaço delineando cartografias possíveis naquele momento.** (MONTEIRO, 2002, p. 21).

15.1 QUANDO QUEBRA QUEIMA – COLETIVA OCUPAÇÃO²²



QUANDO QUEBRA QUEIMA 2019

• **16 performes, corpos e insurgências.**
 Espetáculo festa, ato, levante que acontece próximo ao público transformando o espaço cênico a todo momento e deslocando o real para a cena. Fotos e vídeos feitos pelos próprios performers são projetados; gritos de luta são cantados; ações e movimentos de rua são evocados no corpo de todos que participam. Fruto da primavera secundarista, deslocam para a cena a experiência que tiveram dentro das escolas ocupadas durante meses, criando uma narrativa coletiva e comum a partir da perspectiva de quem viveu o dia a dia dentro deste movimento, que foi um dos grandes acontecimentos políticos dos últimos anos. A peça, que está na fronteira entre performance e teatro, é uma “dança-luta” coletiva construída a partir da experiência de luta e afeto de cada performer.



FONTE: criação da autora da dissertação com fotos da peça “QUANDO QUEBRA QUEIMA”, disponíveis no site da coletiva, vários fotógrafos.

²² <https://www.coletivaocupacao.com/home>

Tivemos dois encontros mais diretos com as forças da Coletiva Ocupação, “criada em 2017 por performers e artistas que se conheceram durante o levante do movimento secundarista e as ocupações de escolas públicas em São Paulo, entre 2015 e 2016”²³. Nosso encontro se deu com espetáculo “Quando Quebra Queima” da coletiva, em dois momentos de apresentação pública, um presencialmente e outro assistindo a gravação de uma das apresentações que durante a pandemia circulou num festival online de teatro. O texto a seguir é uma composição de nossos atravessamentos, afecções e implicações com o espetáculo, a coletiva e os estudantes secundaristas que a compõem. Uma escrita que presente e passado se atravessam. Um narrar que por vezes se suspende do passado ao se transportar a experiência de assistir trazendo a escrita um tempo verbal presente.

²³Descrição da Coletiva em seu site.

QUANDO QUEBRA QUEIMA

JOGRAL!²⁴ JOGRAL!

Era o primeiro convite/situação de ação, pelo à pelo do meu corpo foi sendo convocado ao arrepio por cada palavra repetida pela “plateia” no jogral chamado pela coletiva.

-Somos a coletiva ocupação

Era início deles sobre mim, sobre aqueles que ali estavam. Ocupar dispensa convite, mesmo a negação a ser afetado mantém corda sempre esticada durante o acontecimento. Dizer não, ainda assim já entrar no jogo mais que proposto, vivido.

Sem medos de ficcionar. Não se trata sobre a verdade do que aconteceu, mas do que essas corpos desejam também trazer à tona.

E o fazem nos levando junto.

Uma enorme caixa preta de teatro.

Cadeiras.

Entrar num labirinto de cadeiras foi recondicionando corpos que procuravam estar perto de quem foi junto. No jogral se indicou sentar nelas primeiro. Depois no chão. Tudo ruindo, é possível ouvir os primeiros creks dos corpos seguros rachando. Um certo desconforto de estar na nuca de alguém, nos ombros, de frente pro olhar não conhecido.

Os Performers/Estudantes/Ocupantes, com olhares fixos, corpos superficialmente adormecidos, para o olhar racional, vibrantes em frequências variáveis e intensas anunciavam o levante em algumas das cadeiras ali, existindo em vários lugares desse labirinto. A música com uma batida forte, os corpos-ocupantes vão levantando, e essa passagem da fixidez deles na cadeira a um corpo gritante em movimento me fez percorrer lembranças várias, rotas de fugas dos estudantes ao quais lecionava. Ali, sem acessar entendimentos vazo em lágrimas. Atravessada pelas fugas de outrem.

²⁴ Fala que convoca a repetição em voz alta pelos demais.

Abraçam a pulsante melodia que toca, em movimento entre os que permanecem sentados. Dá pra ver desconforto no contraste daqueles corpos sentados correndo olhar atrás os corpos a dançar. A melodia pulsante toma projeção nos pés que agora saltam. Saltam entre. Dançam entre. Percorrem o toque que não se espera entre. Correm, desconfortam os sentados ao correr por eles, entre eles, tão provocativo é se estar sentado e alguém correr a sua volta.

Desterritorialização e inquietude.

Ainda tinha cheiro fresco das ocupações, revolução ascendente que me tirava pra dançar.

O que aconteceu depois que pularam o muro?

Sabotar é quebra.

Voltar pra onde começou a peça.

A peça começou antes dela.

Acontecimento. Ocupações.

Ocupar é instaurar insurgências, estratégias pós Apocalypso.

-Dar voz não, a voz já existe. Dar volume.

Siiiiiiiiiiiiiiiiii - re - nes

Siiiiiiiiiiiiiiiiii - na - is

Como é ter que olhar coercitiva que vem de cima a você? Respostas possíveis ao experimentar uma cadeira escolar.

Fala sem som. Leia esses lábios vibrando urgências.

-Eu tô com a faixa.

-Eu tô com (insira aqui o que é preciso pra ocupar uma escola)!

Toma-se o mesmo ritmo. "Metamorfoses". Ativa - se. Bando.

O muro.

Ali um muro humano pelo qual se salta com alegria. Um muro? Será?

A palavra que se carrega ao tomar impulso é: Ocupar. A palavra que se firma ao aterrissarem, Resistir.

O chão já parecia estar escavado a muito a esperar as marcas de chegada desses pulos. Vai ver sempre existiu “micro ocupações” e resistências ali.

Deslizar entre.

Fotografia, suor: encontro do nosso olhar.

Fotografia das ocupações, ternura pelo passado e seus rostos

Chegou a minha frente, puxou uma foto em A3. Na foto um braço com o símbolo do feminismo entre as grades do portão de uma escola.

Seu suor pinga na foto, a água dos meus olhos também.

Dança-combate.

Trancar os portões.

Quem tranca os portões?

É estratégia de guerrilha, alegre.

Criptografias.

Não se limpa os embates.

Quem fica com a fala? Alguém fica? Microfone roda.

Pautas, sem petrificar.

Música lenta.

-Tem um monte de estudante lá fora, eles querem entrar.

-Trouxeram um monte de casa

-Comida

-Papel higiênico

-Cigarros

A polícia também chega.

-Mais de 100 policiais.

Corpo polícia. Olhar de cima. Policialesco pra cima do público. Pra cima. Puxam as cadeiras com pessoas sentadas. Cercam. Fecham um corpo com o olhar coercivo que já experimentaram.

EMBATE

Trompete canta:

O ESTADO VEIO QUENTE

NÓS JÁ TÁ FERVENDO

O ESTADO VEIO QUENTE

NÓS JÁ TÁ FERVENDO

QUER DESAFIAR

NÃO TO ENTENDO

MEXEU COM ESTUDANTE

VOCÊ VAI SAIR

PERDENDO!

BOLOLO

HA HA HA

BOLOLO

VAMÔ OCUPAR!

ESSA É MINHA ESCOLA

E NINGUÉM VAI ME TIRAR!

SABOTE SABOTE
SABOTE SABOTE

SABOTE ESTADO
SABOTE ESTADO

MEU IRMÃO SE TA LIGADO
MEU IRMÃO SE TA LIGADO

O QUE EU QUERO É SABOTAR O ESTADO!
O QUE EU QUERO É SABOTAR O ESTADO

VEM SECUNDARISTA

PULA

A CATRACA

É GOSTOSO!

PULA

A CATRACA

É UMA DELÍCIA!

CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA
 SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA CA SSO CA TRA
 CA SSO CA TRA CA SSO
 CATRACASSOCATRACASSOCATRACASSOCATRACASSOCATRACASSOCATA
 CASSOCATRACASSOCATRACASSOCATRACASSOCATRACASSOCATRACASSO

Corpo vareia, vira TUDO, vira festa.

Nessa festa se pisa com força, o espaço é nosso. E as braba pedem passagem. Não se limpa as memórias das ocupações, teve beijo, teve , teve , teve . E elas não foram só isso, e isso não retira nada da potência que foi.

Chama o passinho, saguão do colégio pista de dança.

Achar as chaves pra achar comida, luz, mantimentos e garantir a segurança.

Passada a corrente nos portões:

- Agora realmente a escola é nossa.

O chão pintado de guerra em cima brincadeira de esconde-esconde.

Tensão:

DESOCUPAÇÃO

O choque pode entrar a qualquer momento.

Corpo alarme-alerta.

O choque vai chegar a qualquer momento.

Resistir, verbo coletiva.

No chão

Sentados

Roda

Braços atados

Espreitando enfrentamento

Melodiando suas resistências

Juntas

Na certeza de que o choque vai forçar

E entrar

Cantam:

A lua me traiu Acreditei que era pra valer A lua me traiu Fiquêi sozinho E louca por você Ah! Ah! Ah! Ah! Não consigo te esquecer Ah! Ah! Ah! Ah! Apaixonada por você Naquela noite encantada Pedi pra lua dos amantes Que iluminasse essa hora Pra esse amor eternizar "tudo p que envolve a frizteza serve a tirania e a opressão" (DELEUZE, 2002, 61)

Atrevimento ao singularizar?

CALYPSO.

Uma grande faixa de tecido traz pra joga escritas dedicadas aos muros das escolas. Se faz em palavras sobre palavras de apresentações anteriores, desejos e desejos em movimentos sem lei, experimentando com palavras, o outro com a peça, com as ocupas, com performers, com o suor, a dança, o alerta, as paixões... Desejo a dar a ver. Intensificar a luz. Escritas com tinta neon, só aparecem o escuro. Solares seus modos. Neon seus arabescos.

LUZ NEGRA NESSAS INSCRIÇÕES!

TUDO NOSSO NADA DELES - AUTONOMIA -
 MACONHA - MULHERES NA OCUPAÇÃO -
 VAZEI QUERO FUGIR - XOXOTA - SOCORRO
 LUTA - TEU CÚ - FODA-SE - BIXA
 PIXA TUDO - OCUPAR E RESISTIR CALYPSO
 - COLETIVA - BUCETA DESCOLONIZAR - EXU
 NAS ESCOLAS - PRAZER - TRAVA TRAVA -
 HACKEAR – SÓ AS BRABAS

DANÇA COMIGO?

Convite coletivo para dançar com enunciações que brilham no escuro.

E VOCÊ? O QUE VOCÊ ESCREVERIA NUM MURO DA ESCOLA?

MÚSICA
 ḂASØLINA [TETØ PRETØ]
<https://www.youtube.com/watch?v=k0XzDN-Gv3A>

queima
 queima queima queima queima queima queima queima queima queima queim

-Vocês vão invadir?

NÃO!

A GENTE VAI OCUPAR!

- Lutaremos com amor e tesão.

Esse é um ensaio do que vai ser a humanidade.

Eu sinto...

Uma força que começa

Lá em baixo e vai subindo

Uma força que toma

Todo meu corpo!

Luta-se sorrindo. Revolta com paixão pela vida que vibra e seus processos. Sentado em rodas com o “público”, se nesse estágio de afetação ainda se pode usar esse substantivo, os performers – corpos- coletivas mostram fotografias. Fotografias deles. Fotos que os apresentam antes das ocupações. Com elas narram suas mudanças. Suas variações. Outros cabelos. Outras roupas. Outras músicas. Outros sentir. Outras paixões. Outras línguas. Outras conexões. Outros encontros. Outros modos. Outras singularidades. Experimentação.

LUTAR?!

QUEM TE TIRA PRA LUTAR

LHE TIRA PRA DANÇAR?

Grande baile rumo à rua, a corda se estica entre eles, a gente e os carros que param frente aos nossos corpos. A coletiva convoca:

- JOGRAL! - JOGRAL:

(INTENSIDADE MÁXIMA
Leia como quem responde em voz alta)

-PROFECIA

-NÓS PULAMOS OS MUROS E AS CATRACAS.

-NÓS ORGANIZADAS.

-ESTAMOS VIVAS E SEGUIMOS LUTANDO.

-VAMOS CONTINUAR OCUPANDO

-RUAS, ESCOLAS, UNIVERSIDADES, TEATRO.

-A REBELIÃO CRIA CORPA NOVA.

-COLETIVA. CORPA ABERTA.

-AGORA TEMOS OUTRA COR, OUTRO CABELO, OUTRO CORPO.

-VIVER E RESISTIR.

-E O QUE VEM DEPOIS?²⁵

²⁵ Em 2021, ainda em meio a pandemia a Coletiva Ocupação lançou o projeto “Pausa pra existir” criando possibilidades de continuar ocupando espaços com a peça. Lançou o zine em formato e-book disponível no site da coletiva e um audio-zine os quais propõe uma experiência com o espetáculo. O zine, em formato e-book esta disponível no site da coletiva, já citado anteriormente. E o audio-zine encontra-se disponível em: <https://soundcloud.com/coletivaocupacao>.

26



²⁶ Criação a partir do desenho de uma barricada de cadeiras o qual foi a chamada da circulação da peça “Quando quebra queima” da Coletiva Ocupação.

Certas percepções privilegiadas suscitam o desejo de testemunhar “a favor” da importância ou da beleza do que elas viram. Nesse caso, perceber não é simplesmente apreender o que foi percebido, é querer testemunhar ou atestar seu valor. A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de *fazer ver* aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (ver), torna-se sujeito criador (fazer ver). Mas isso porque, atrás da testemunha, surge outro personagem, o advogado. É ele quem convoca a testemunha, quem faz com que toda criação se torne um discurso de defesa a favor das existências que ela faz aparecer, ou melhor, comparecer (LAPOUJADE, 2017, p. 22).

16. Nó VII

O espetáculo começa antes...

Retornaram às escolas, pós-ocupações com um espetáculo que se cria pelo meio, rota-roteiro veio por último, mas na verdade é tudo acontecimento. Ativação das memórias de um período em que estudantes entraram no papo das redes, das ruas... Corpos em revolta a experimentar linguagens.

Construir uma ocupação por urgência, instaurar seus acontecimentos na afirmação da vida. Elaboração de memórias e as tatuagens que ficaram. O que vem depois? Não é passível de mensuração. A rebelião. Corpos-criação. Ativar sua potência. Singularizar. Desinteresse em que nome vão dar depois, que vão receber depois. Advogar existências. Veracidade grita, pulsa, chama o jogral. O acreditar assume tamanho, é grande, no grande, neles, na gente. Multidão. Ativa-ativando. E no próprio caminhar, pensamento.

Coletiva Ocupação, encontros explosivos!

Quando

Quebra.

Queima.

Performance. Não reside nem no passado, nem no futuro. Acontecimento. É “arriscada já que o devir é sempre desconhecido” (OLIVEIRA, 2008, p. 69). E provoca constantemente os enrijecimentos de todos os campos da vida social, com marca maior no da educação. Tudo é processo. É potência do instante. Potência do acontecimento. Compartilhar da intensidade da experiência que se propõe:

Como poéticas da ação, as performances visam a radicalização das emoções em uma espécie de ritual em que seus participantes são confrontados com seus próprios limites a fim de experimentar a vida de forma alargada. Ação direta em seu sentido mais amplo, que rompe com os suportes tradicionais buscando a fusão entre arte e vida. A representação é radicalmente abolida. A ênfase no processo, na possibilidade de que a experiência sirva como agente de transformação de seus participantes, ressalta sua efemeridade e sua atitude existencial (OLIVEIRA, 2008, p. 68).

Jogral, instalação de contágio coletivo.

Cantar Calypso enquanto se cria um corpo pro combate com a tropa de choque.

É possível a resistência não matar a alegria.

Derrubar.

Você já tombou?

Sem medo?

Arte tombaria. Arte, criação, levante. Tombaria em marcação da arte do levante criativo. Potências. Coro. Ajuntamento. Festa. Revolta. Coletiva. Terra de possibilidades.

Tudo é ação.

Não lhes basta, pois, propor uma nova representação do movimento; a representação já é a mediação. Ao contrário, trata-se de produzir, na obra, um movimento capaz de comover o espírito fora de toda representação; trata-se de fazer do próprio movimento uma obra, sem interposição; de substituir representações mediadas por signos diretos; de inventar vibrações, rotações, giros, gravitações, danças ou saltos que atinjam diretamente o espírito (DELEUZE, 2018, p. 75).

Peça-Performance-Dança-Luta, expansão dos afectos das ocupações, capturando-os, encarnando-os como signos de modos de existências dos estudantes das ocupas. Os signos nos fazem partícipes das variações daqueles corpos. A representação não faz parte do espetáculo, tudo pulsa em fusões entre arte e vida.

Processos de experimentação que os acompanham desde as ocupações. Processos de intensificação de perspectivas tornando-as mais manifestas. Existir fazendo existir. Mais reais enquanto tornarmos mais real aquilo que existe.

A criação “é sempre dissidente, transindividual, transcultural (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 36). É sentido-acontecimento. São intensidades, velocidades, circunstâncias e potências. Por meio de novas arquiteturas “se torna captação e composição de heterogêneos, em vez de caminhar, interminavelmente, para sua suposta essência” (LAPOUJADE, 2017, p. 117).

A instauração, operação que traz direito de existir é formalizar, “fazer passar para a existência a arquitetura envolvida no ser virtual, ainda no estado “implexo”; é desvelar a sua estrutura.” (LAPOUJADE, 2017, p. 81). É estender uma perspectiva que

Organiza, estrutura e, conseqüentemente, distingue os dados iniciais, em vez de deixá-los entrelaçados uns aos outros, e compenetrados sincreticamente; e essa arquitetura desenha nesse mundo muitas outras riquezas que não estavam ali inicialmente” (IP, 389). Através dessa distinção, as existências ganham, ao mesmo tempo em extensão, em estruturação e consistência, assim como um quadro, ao se desvelar, conquista o equilíbrio que mantém reunidas as cores e as linhas que o compõem. As existências adquirem uma armação formal que as institui ainda mais do que as constitui. (LAPOUJADE, 2017, p. 82).

Instaurar é fazer valer esse direito, promovê-lo. É legitimar uma maneira de ocupar um espaço-tempo”. Mundo a Mundo. Sustentar uma existência com gesto. Proliferação mundo a mundo. Vários modos. Seres plurimodais. É:

Como se tornar advogado dessas existências ainda inacabadas, seu porta-voz, ou melhor, seu porta-existência. Carregamos sua existência como elas carregam a nossa. Compartilhamos com elas a mesma causa, contanto que possamos ouvir a natureza das suas reivindicações, como se exigissem ser amplificadas, aumentadas, enfim, tornadas mais reais. (LAPOUJADE, 2017, p. 90).

DEFESA - P R O V O C A Ç ã O

Um corpo que vibra vida provoca. REVOLTA. É ato. O C U P A. Queima. DESLIZA. Jogral-contágio. COLETIVA. Faz fugir. RESISTE. Faz dança. Micro dança quando tudo parece estar dominado. Nunca está. As linhas que encarceram não são capazes da captura da potência da vida. “Contra o império que contra-ataca pula a catraca”. Contra a palavra de ordem que diz: Não pode! C A L Y P S O!

Na verdade, os conceitos designam tão-somente possibilidades. Falta-lhes uma garra, que seria a da necessidade absoluta, isto é, de uma violência original feita ao pensamento, de uma estranheza, de uma inimizade, a única a tirá-lo de seu estupor natural ou de sua eterna possibilidade: tanto quanto só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito no mundo. [...] *Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar* (DELEUZE, 2018, p. 230).

17. TEREZA VIII: JULIET NO CONHECIMENTO²⁷@audinovilao²⁸

Youtuber de filosofia 100k

Candomblecista ♥

História 5/8 ☒

<https://www.youtube.com/channel/UCdYnL5uXF-slDdK4BpSy2Fw>

²⁷ Para adentrar essa teresa é imprescindível acessar os links.

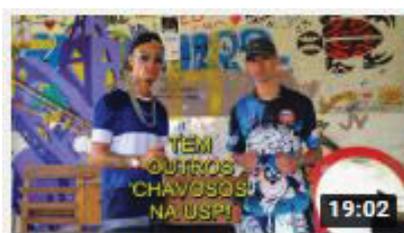
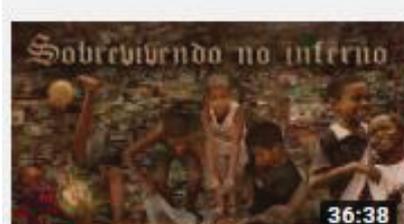
²⁸ Descrições retiradas do perfil no instagram e as imagens são print screen das páginas realizada pela autora da dissertação.

@chavosodausp

- sp/zn
- Ciências Sociais USP
- Palestrante | Youtuber

✦ 20 anos

<https://www.youtube.com/channel/UCKWus46Vy8gwf1rRLu4II0w>

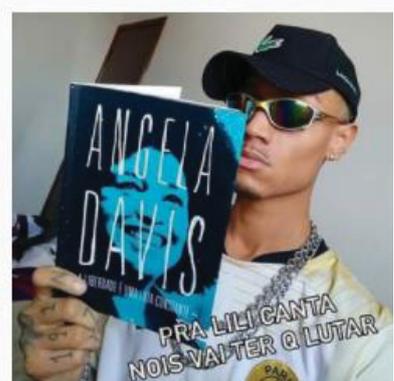
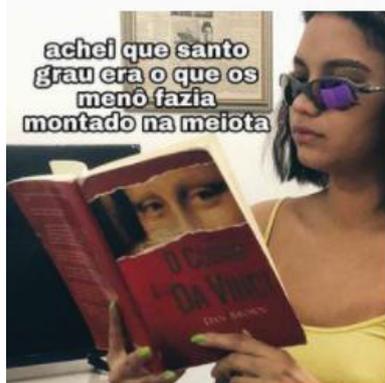
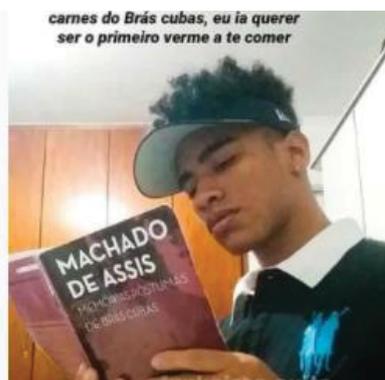
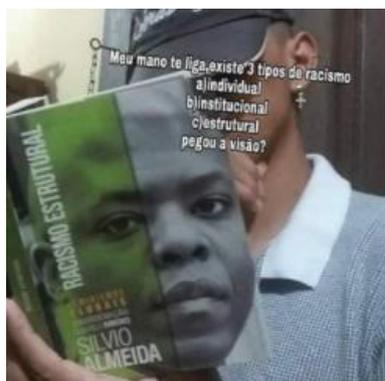
 <p>TEM OUTROS CHAVOSOS NA USP!</p> <p>19:02</p>	 <p>20:33</p>	 <p>FUNK E SOCIOLOGIA</p> <p>35:37</p>
<p>A QUEBRADA NA UNIVERSIDADE ft. Oreia</p> <p>53 mil visualizações • há 11 meses</p> <p>Legendas</p>	<p>POR QUE JESUS FOI PRESO E MORTO?</p> <p>49 mil visualizações • há 6 meses</p> <p>Legendas</p>	<p>O FUNK CONSCIENTE E AS POLÍTICAS ECONÔMICAS...</p> <p>37 mil visualizações • há 5 meses</p> <p>Legendas</p>
 <p>a esquerda defende bandido?</p> <p>27:37</p>	 <p>30:09</p>	 <p>POLÍTICA É SÓ ELEIÇÃO?</p> <p>21:41</p>
<p>A ESQUERDA DEFENDE "BANDIDO" ?</p> <p>26 mil visualizações • há 1 mês</p> <p>Legendas</p>	<p>SOBREVIVENDO NO INFERNO Parte 3: análise...</p> <p>21 mil visualizações • há 8 meses</p>	<p>ELEIÇÃO MUDA ALGUMA COISA?</p> <p>20 mil visualizações • há 4 meses</p> <p>Legendas</p>
 <p>Sobrevivendo no inferno</p> <p>36:38</p>	 <p>26:25</p>	 <p>2:40:31</p>
<p>SOBREVIVENDO NO INFERNO Parte 4:...</p> <p>16 mil visualizações • há 7 meses</p>	<p>SENHOR CANDIDATO, Eduardo Taddeo análise da...</p> <p>16 mil visualizações • há 4 meses</p> <p>Legendas</p>	<p>#Live - Boteco Comunista 10</p> <p>16 mil visualizações • Transmitido há 1 mês</p>

@funkeiroscults

□ O juliet não nos impede de ver novos horizontes

#funkeiroscultssempreexistiram

<https://www.instagram.com/funkeiroscults/tagged/?hl=pt-br>



18. NÓ VIII

Gostaria de dizer o que é um estilo. É a propriedade daqueles dos quais habitualmente se diz "eles não têm estilo...". Não é uma estrutura significante, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha. É um agenciamento, um agenciamento de enunciação. Conseguir gaguejar em sua própria língua, é isso um estilo. É difícil porque é preciso que haja necessidade de tal gagueira. Ser gago não em sua fala, e sim ser gago da própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua. Traçar uma linha de fuga. (PARNET, DELEUZE, 1998, p. 4)

Zygmunt Bauman, Max Weber, Sócrates, Karl Marx, Machado de Assis, Michel Foucault, Hegel... Em que bocas, em quais mãos, em que língua costumamos pensar-ver os escritos desses?

Ocupando o conhecimento, desterritorializar suas costumeiras palavras, sua costumeira língua, das costumeiras bocas que a trazem. Um gaguejar. Pois não se trata de colocar o conhecimento somente em outros termos, simplifica-lo para compreensão. Vai além. Eles se apropriam em vias de criação. Ocupações do conhecimento, dito acadêmico, que Audino Vilão, Chavoso da Usp, Funkeiros Cults criam em atrevimento de singularizar-se, com paixões alegres de um bom encontro a mover o pensamento.

Ora, como diz Spinoza mesmo, a alegria é tanto efeito de um aumento de potência como também funciona como provocação para um aumento da força de existir (SPINOZA, 2009, p. 168). Deleuze diz, muito perspicazmente, que a alegria nos torna inteligentes, e que não há nada de inteligente na tristeza, uma vez que ela apenas faz diminuir nossa capacidade de agir (DELEUZE, 2009, p.18) Se retomamos o princípio spinozano de que existir é agir, mas que junto do agir há sempre uma igual força de conhecer que se expressa, então, efetivamente, só a alegria nos coloca em condições de aprender e pensar. (YONEZAWA, 2015, p. 194)

Como a alegria permeia nossos encontros com o conhecer, o aprender e o pensar na escola?

Quais línguas, linguagens, prevalecem na escola, trazidas como aliadas do conhecimento científico e filosófico?

Ensinar a pensar ou criar territórios possíveis para a produção de afetos que movam o pensar?

Os estudantes podem nos responder com mais potência essas e outras perguntas, do que nossas diretrizes curriculares oficiais.

19. PROFESSORA CONTAGIADA, PROFESSORA OCUPADA

FONTE: desenho da professora ocupada.

Respirar enquanto dilatação do espaço-tempo das aulas que ministramos. Movimento de recolhimento da dureza de nossos planejamentos e a ansiedade de conduzir a aprendizagem. Fomentando a aula enquanto encontro no qual se pode experimentar, fazer diferente todos dias. Convocando o deslocamento da visão homogênea sobre as subjetividades para ver a multiplicidade de modos de existência criados por estudantes que ocupam a aula, a escola e outras tramas. Seus processos de singularização.

Essa professora-cartógrafa nessa travessia vai sendo afetada pelos estudantes, descobrindo outras relações de aprendizagem, tentando “uma aprendizagem que não se baseará em hierarquias nem em totalizações. Um conhecimento que se dá por contágio” (KASPER, 2004, p. 26). Aberturas a aprender com o outro:

Tais processos são atravessados por uma política específica de relação com a alteridade, que pressupõe, necessariamente, uma abertura para o outro. A abertura para deixar-se capturar pela imprevisibilidade da vida é fundamental na arte do palhaço. Não só deixar-se atravessar pelos imprevistos, mas também produzi-los, operar na imprevisibilidade: arriscar-se (KASPER, 2009, p. 207).

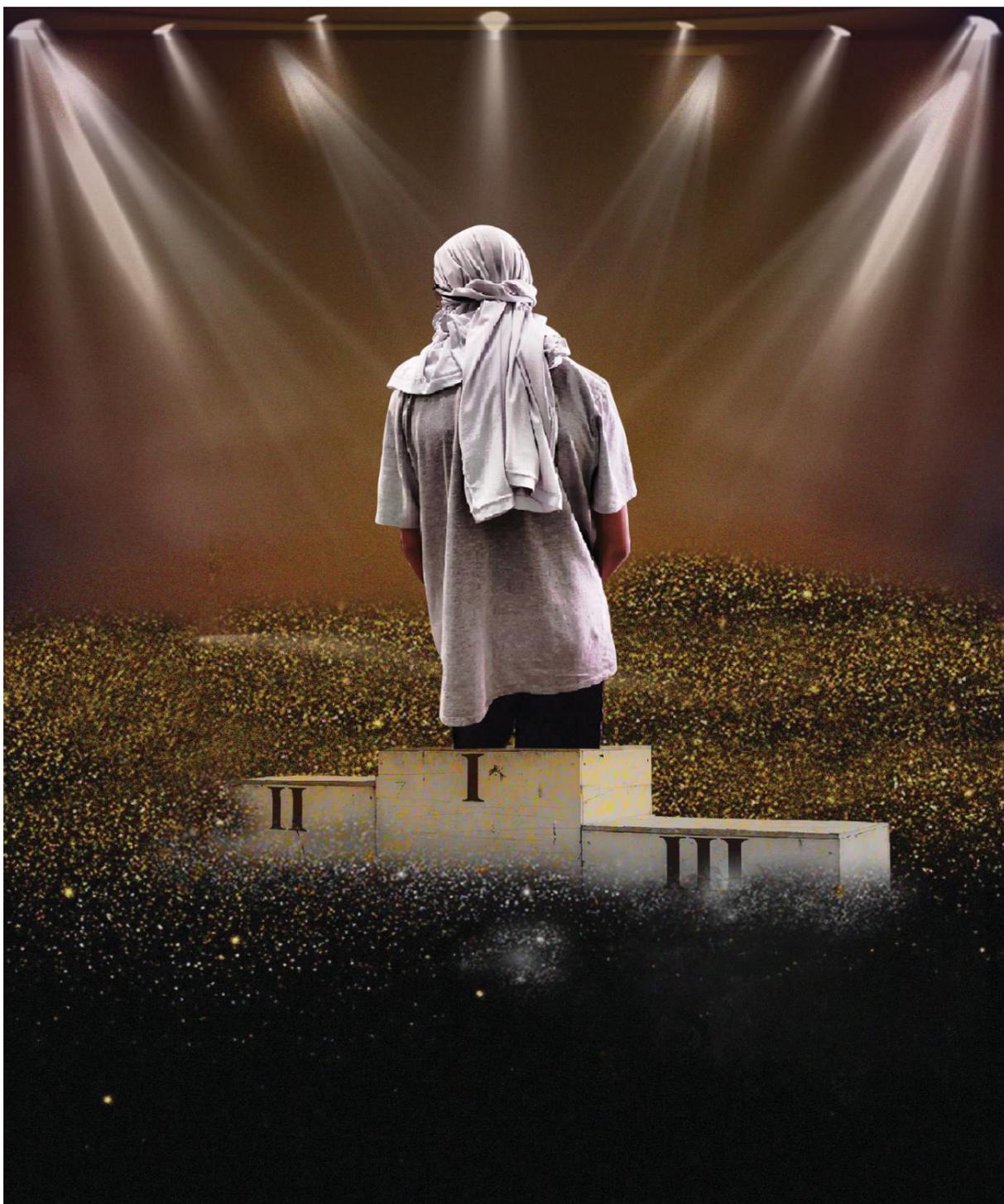
Buscamos nos jogar ao que pode vir a ser. E em contágio fomos nos abrindo a o que pode uma aula. O que pode um encontro. Nos contagiando também com os processos acompanhados por Kasper (2009) nos quais:

Vemos emergir tal abertura para a alteridade como um processo de subjetivação que passa pelo jogo, pelo riso trágico, por um rebaixamento da hegemonia do ego e suas pretensões de controle, por uma liberdade de experimentação, em função das urgências a serem enfrentadas. E também uma aprendizagem em torno de tornar-se outro. E um tornar-se outro que se faz na vizinhança de outrem, pois não existe palhaço sem a relação com o público. Potência de afetar e ser afetado. (KASPER, 2009, p. 211).

Afetar-se pelos estudantes. No acolhimento ao que trazem, ao celular que toca quando não era pra tocar, ao olhar de alguém que o tira daquela sala, aos burburinhos sobre os acontecimentos do recreio, a música na jbl, às confissões, ao *non sense*, a carteira que eu sento e se quebra, as frases escritas na parede, ao desenho deixado em meu caderno, a lágrima que cai, a risada que ganha a turma toda, a fumaça branca do extintor que estouraram, ao apreço pelo chão e não pelas cadeiras, ao fundão da sala, aos traços dos desenhos digitais que me tiram foco das respostas nos trabalhos,

aos seus acessórios, seus livros, seus tênis lustradinhos, suas letras miúdas, suas paixões pelo jogo e por fluir em fala, e... e... e....

Agora que já não podemos crer no que acreditávamos nem dizer o que dizíamos, agora que nossos saberes não se sustentam sobre a realidade nem nossas palavras sobre a verdade, talvez seja a hora de aprender um novo tipo de honestidade: o tipo de honestidade que se exige para habitar com maior dignidade possível um mundo caracterizado pelo caráter plural da verdade, pelo caráter construído da realidade e pelo caráter poético e político da linguagem. (LARROSA, 2017, p. 207).



FONTE: colagem digital da professora ocupada.

Tombar? Tombei. As palavras de ordem da ação docente se desfuncionalizaram. A questão agora não era dar aulas. Era ser aula com eles. Me tornava, ao longo da criação desse mapa, testemunha e advogada.

“Um fenômeno surge surpreende por sua beleza, e lá estamos nós presos no interior de uma espécie de monumento perceptivo do qual exploramos a composição momentânea (LAPOUJADE, 2017, p. 47).”

Para Sourriau, perceber é participar, é entrar num ponto de vista assim como simpatizamos. A vibração da vida, de outras possibilidades de vida na escola dos secundaristas me tomava na afirmação da diferença. Carregamos essas existências assim como elas carregaram a nossa.

Compartilhamos com elas a mesma causa, contanto que possamos ouvir a natureza das suas reivindicações, como se exigissem ser amplificadas, aumentadas, enfim, tornadas mais reais. Ouvir essas reivindicações, ver nessas existências aquilo que elas têm de inacabado, é forçosamente tomar o partido delas. É o que significa entrar no ponto de vista de uma maneira de existir, não apenas para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais, aumentar suas dimensões ou fazê-la existir de outra maneira. (LAPOUJADE, 2017, p. 90).

Um outro estado. Um corpo que se constrói para pesquisa não consegue se despir para entrar em sala, vai com tudo. O processa mobiliza, movimenta, atenta para. Entrar em devir, em devires, produz deslocamentos sobre pensar objetivos, pontos de chegada.

Se tudo se torna esboço, é preciso depreender a consequência que se impõe: não há mais seres, só há processos; ou melhor, as únicas entidades a partir de agora serão atos, mudanças, transformações, metamorfoses que afetam esses seres e os fazem existir de outra maneira (LAPOUJADE, 2017, p. 61).

Desligar-se da proposição linear do tempo e dos trajetos da escola é fazê-la gaguejar. Os gaguejos que também se afirmam nas expressões e palavras de linguagens outras que não a palavra de ordem máquina semiótica escolar. Introduzir e afirmar a diferença e as linhas de fugas fissurando a língua estabelecida na escola.

Se admitir desnecessário faz ruir, prova abalos sísmicos nas identidades que são apontadas na escola.

Teremos, talvez, que aprender a viver de outro modo, a pensar de outro modo, a ensinar de outro modo. Talvez tenhamos que aprender a nos apresentar na sala de aula com uma cara humana, isto é, palpitante e expressiva, que não se endureça na autoridade. Talvez tenhamos que aprender a pronunciar na sala de aula uma palavra humana, isto é, insegura e balbuciante, que não se solidifique a verdade. Talvez tenhamos que redescobrir o segredo de uma relação pedagógica humana, isto é, frágil e atenta, que não passe pela propriedade. (LARROSA, 2017, p. 206).



FONTE: Colagem digital pela professora ocupada com foto base-trompete retirada do site da Coletiva Ocupação.

DESTERRITORIALIZAR-SE. DE - FORMAÇÃO

É resistir mas não é só pra se contradizer.
Existênciaa

Sabotar. Ocupar enquanto movimento de criação de modos de existir, COLETIVA combo energético provocativo aos corpos que passam pela escola vivendo incômodos, a radicalidade nas ocupações dos movimentos de resistência que todos os dias são criados na escola. Ação. Vibração. Sentidos outros. Cadeira vira desvira também ali. Vira escudo. Vira escultura. Vai pra cima. É esquecida.

Existe uma virtualidade a nível de combustão de desejos que se negociam e agenciam na escola. As ocupações trazem luz para essas outras escolas que existem na Escola. Cria modos e maneiras de existir reafirmando a potência da vida, do encontro, do bando e dessas virtualidades que se perdem na cegueira da percepção molar. Deslizam por onde dá fluxo, e diluem o estriado que possa fazer impedimento. Não dá pra ocupar o prédio, ocupamos o pátio. A mídia tá distorcendo? Vamos ser nossa própria mídia. Tem que sair da escola? Vamos pra rua. Tropa de choque, gás de pimenta, bomba de gás e cassetete? Cadeira da barricada vira escudo. Grito de medo? Pera aqui, vamos cantar: A lua me traiu...

Os arcos das pontes de Ocupar e Resistir, já existiam antes das ocupas, e permanecem, cabe a nossa percepção entrar em suas perspectivas. Uma escola comporta escolas outras, aprendizagens fora das formais formas, das grades disciplinares, da relação binária, opositiva e negativista de outras possibilidades da relação professor - estudante. A possibilidade de variar, experimentar, inventar. Criar possibilidade de encontros outros no território escolar, agenciando bons encontros, aquele que nos potencializam a afirmação da diferença. Encontros que se movam com o desejo de estar junto, para além das obrigatoriedades, seja entre as pessoas, seja com o conhecimento, o pensamento.

Ocupar criando outros modos de existir na escola. Atento às micro ocupações dela. Abraça-las.

Há urgência de existir criando.

"Vá cultivando a semente
Até que um dia arrebente o saco cheio de sol."
Cátia de França



FONTE: colagem manual, criação da professora ocupada. Composição do convite para a defesa da dissertação.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA É NOSSA. Direção: Othilia Balades. Produção independente realiza por secundaristas do Colégio Estadual Fernão Dias – São Paulo. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vaT6KpdU1KU&t=1s>>. Acesso em: 11 de mar. de 2019

A REBELION PINGUINA. Direção: Carlos Pronzato. Produção: Lamestiza audiovisual. Ano: 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYzkDql56yw&t=607s> >. Acesso em 20 de jun. de 2019.

ACABOU A PAZ! ISTO AQUI VAI VIRAR O CHILE! Escolas ocupadas em São Paulo. Direção de Carlos Pronzato. São Paulo: La Mestiza, 2016. 1 (60 min.), digital, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>>. Acesso em 13 de mar. 2019.

ALTHEMAN, F. **Cenas de dissenso, arranjos disposicionais e experiências insurgentes:** processos comunicativos e políticos em torno da resistência de estudantes secundaristas. Tese – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG. Belo Horizonte – MG. 2020.

ALVIM, D. M.; MAÇÃO, I. R.; ROSEIRO, S. Z. Ano 2091 – silêncio nas filosofias da educação: por uma cartografia das resistências escolares. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 46, e223171, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/kZ6pMZWF8j3LpTHhWZrKqHj/?lang=pt> >. Acesso em 17 de maio de 2021.

ASSMANN, S. J.; PICH, S.; GOMES, G. M.; VAZ, A. F. Do poder sobre a vida e do poder da vida: lugares do corpo, biopolítica. **Temas e Matizes**, v. 6, n. 11, p. 19–27, 2009. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/2500>. Acesso em: 18 Abril. 2021.

BREDER, D.; VALLE, L.; FIGUEIREDO, M. P. Nunca nos sonharam: políticas e poéticas da resistência. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 39, p. 473-495, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5217>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BERTÉ, R. **Discursos e expressões: uma cartografia da adolescência contemporânea.** Dissertação - Pós-graduação em Educação. UNIOESTE, Francisco Beltrão - PR. 2014.

BOUTIN, A. C. D. B.; FLACH, S. D. F. O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana. **Inter-ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 429-446, maio/ago. 2017. Disponível em : <<https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.45756>> Acesso em: 23 mar. 2021.

BRITO, M. D. R. D. A educação por vias da diferença. **Revista Signos**, Lajeado, n. 37, p. 100-114, 2016. ISSN 1. Disponível em:

<<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1004>> Acesso em: 22 mar. 2021.

CARVALHO, J. M.; SILVA, S. K. D.; DELBONI, T. M. Z. G. F. Currículos como corpos coletivos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 801-818, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/carvalho.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2021.

CATINI, C. D. R.; MELLO, G. M. D. C. Escola de luta, educação política. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 37, n. 1237, p. 1177-1202, out./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/S7c7LdHGSMR6WC4j6VQb6LR/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 23 mar. 2021.

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Supernova Editora, 2013.

COUBE, R. J.; HENRIQUES, E. M. D. O. Imagens dos corpos inscritas nas narrativas de alunos do ensino médio: as (inter)corporeidades e o currículo. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 06, p. 520-534, set./dez. 2017. Acesso em: 23 mar. 2021.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. – 1º ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Autrélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2º. ed. São Paulo: Editora 34, v. 1, 2012.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2º. ed. São Paulo: Editora 34, v. 2, 2012a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2º. ed. São Paulo: Editora 34, v. 3, 2012b.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**, operários, artistas, revolucionários: educadores. Tradução e notas: Marlon Miguel. São Paulo. N- 1 Edições, 2018.

DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. D. Foucault: do Poder Disciplinar ao Biopoder. **Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão - Scientia**, Sobral, v. 2, n. 3, p. 143-157, nov. 2013/jun. 2014. Disponível em:

<http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOROMULOALVESDINIZ.pdf> Acesso em: 23 mar. 2021.

DOMEDEL PENNA, A. **"La Alerta de los Pingüinos". El mensaje político del movimiento secundario de 2006.** Monografia – Instituto de Comunicação e imagem. Universidad de Chile. Santiago. 2008.

ESPERO A TUA REVOLTA. Direção: Eliza Capai. Produção: TVa2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DIA5N72zi4Q>. Acesso em: 12 de março de 2019.

ESTEVEES DORE, L. **que diz o muro da escola? : aprendizagens e deslizamentos e matemáticas.** Dissertação - Programação em pós-graduação em Educação. UFJF. Juiz de Fora – MG. 2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, S.; ASPIS, R. Biopolítica-vírus e Educação-governamentalidade e escapar e ... **Revista de Estudos Universitários**, v. 37, p. 167-179, 2011.

GALLO, S. **Deleuze e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Em torno de uma Educação Menor. Porto Alegre. **Educação e Realidade.** 27(2): 169-178. jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>> Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. **Em torno de uma educação menor: variáveis e variações.** In: Reunião nacional da ANPED, 36. Goiânia. 36ª Reunião nacional da ANPED. 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/qt13_trabencomenda_do_silviogallo.pdf > Acesso em: 19 mar. 2021

_____. Educação: entre a subjetividade e a singularidade. **Revista Educação,** Santa Maria - RS, v. 35, n. 2, p. 229-244, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2073/1249> > Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar em Revista,** Curitiba, Brasil., n. 66, p. 77-94, out/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/53865/33973> > Acesso em: 22 mar. 2021.

GRAVATÁ, A.; OLIVEIRA, A.; IANAÉ, D. **Resistir até que existam territórios férteis.** São Paulo: Virada Educação, 2017.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1977.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

JESUS, F. R. D. **Indisciplina e transgressão na escola**. Tese – Pós-graduação da faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas - SP. 2015.

KASPER, K. M. ; TOFFOLI, G. S. . Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. **Leitura: Teoria e prática**, v. 36, p. 85-98, 2018. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666>>. Acesso em 25 de abril de 2021

KASPER, K. M. **Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida**. Tese de doutorado. UNICAMP. Campinas – SP. 2004.

_____. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 199-213, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300013> >. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Educação, alteridade, corpo e pensamento. In: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. O. (orgs.) **Educação e Alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 195-210.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. Tradução Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n -1 edições, 2017.

LARROSA, J (org.). **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Tremores: escritos sobre a experiência**. 1º. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAZZARATO, M. Para uma definição do conceito de “bio-política”. In: **CMI Brasil – Centro de Mídia Independente**. 2004. p.1-10. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/09/262958.shtml> . Acesso em: 21 set. 2020

LUTE COMO UMA MENINA. Direção de Flávio Colombi e Beatriz Alonso. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>>. Acesso em: 07 de maio 2019.

MARTINS, M. Narrativas Ficcionalis de Tunga. **Estúdio**, Lisboa, v. 14, n. 7, p. 30-35, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38581/2/ULFBA_E_v7_iss14_p30-35.pdf >. Acesso em: 5 jun. 2020.

MERÇON, J. **Aprendizado ético-afetivo: uma leitura spinozana da educação**. Campinas - SP: Editora Alínea, 2009.

MONTEIRO, I. M. D. R. **A experimentação ocasional de Tunga: a instauração da obra de arte**. Dissertação – Programa de pós-graduação em História. PUC. Rio de Janeiro – RJ, 2002.

MORESCO, M. C. **Primavera secundarista feminista: corporalidades, gêneros e sexualidade dissidentes nas ocupações escolares no Paraná(2016/2)**. Tese – Programa de Pós-graduação em Educação - UFPR. Curitiba, 2020.

OCUPA Educação. Produção: Projeto Ocupa Educação. Niterói:Laboratório do Filme Etnográfico -UFF, 2016. Disponível em: <http://lepecs.uff.br/filmes/2016-2/filmes-ocupa-educacao/> >. Acesso em: 05 de maio de 2021

OCUPAÇÕES ESTUDANTIS: POR ELES MESMOS. Direção: Diego Felipe S. Queiroz. Produção: Linhas de Fuga. 2016. Disponível em:<<https://bombozila.com/ocupacoes-estudantis-por-eles-mesmos-brasil/>>. Acesso em 02 de mar. de 2019.

OCUPA FILOMENA - O FILME. Direção: Cássio Renato Cerqueira. Produção independente. Produção audiovisual: Inusitada Produções. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JdHBVKyFZFQ>>. Acesso em: 14 de mar. de 2019.

OLIVEIRA, L. M. B. D. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008.

ORLANDI, Luiz B. L. Corporeidades em minidesfile. **Revista Alegrar**. Campinas. Número 1, 2004. Disponível em: <<https://alegrar.com.br/corporeidades-em-minidesfile>> Acesso em: 15 fev. 2020.

PARNET, C.; DELEUZE, G. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

PELBART, P.P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. Carta aberta aos secundaristas. **Série Pandemia**. São Paulo: n-1, 2016.

_____. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 24, p. 19-26, 2015.

PRATES, G. et al. **Ocupar e resistir: memórias da ocupação Paraná 2016**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Instaurações de Mundos. In: **Tunga: 1977-1997**. New York: Bard Publication Office, Annandale-on-Hudson, 1998. Disponível: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Instauracao.pdf> >. Acesso em: 15 de fev. de 2021

ROWER, J. E. **Por uma sociologia da suspensão: ensino de sociologia e narrativas de si como dispositivo de formação.** Tese – Programa de Pós-graduação em Educação. UFSM. Santa Maria - RS. 2016.

SANTOS, J. ; KASPER, K. M. . **Corpos em variação: processos de formação além das margens.** **Linha Mestra**, v. 24, p. 1809-1815, 2014. Disponível em: https://linhamestra24.files.wordpress.com/2014/07/linha_mestra_24_19_cole_07_co_municacoes_joyce_ligia.pdf >. Acesso em: 20 de março de 2020

_____. **Andanças: pesquisa e formação como processualidade subjetivante.** **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro - SP, v. 26, n. 53, p. 595-611, Set./dez. 2016. Disponível em: < <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11643/8066> >. Acesso em: 17 mar. 2021.

SCHÖPKE, R. **Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: A construção da máquina de guerra nômade.** **Rev. Filos.**, Aurora, v. 29, n. 46, p. 285-305, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/1980-5934.29.046.AO01>>. Acesso em: 20 de set. 2020

SILVA, C. V.; KASPER, K. M. **Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade.** Uberlândia: UFU. **Revista Educação e Filosofia**, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

SILVA, C. J. D. **Conversas com o fracasso escolar: marcas e experiências de uma travessia.** Dissertação – Pós-graduação em Educação. UFJF. Juiz de Fora – MG. 2013.

SILVA, K. M. **O corpo sentado: notas críticas sobre o corpo e o sentar na escola.** Dissertação – Programa de Pós-graduação em Educação. UNICAMP. Campinas – SP, 1994.

SILVA, M. R. D.; OLIVEIRA, R. G. D.; (ORG.). **Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar.** Curitiba - PR: UFPR/Setor de Educação, 2016.

SILVA, R. F. **Os dramas da pesquisa ou sobre escrita acadêmica e vida.** **Revista Aleglar**, nº 25, p. 238-249, jan/jul 2020. Disponível em: <<https://alegrar.com.br/alegrar25-21/>> Acesso em: 22 mar. 2021.

SOARES, F. M. **A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri.** **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 118-126, jan-abr 2016. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5104/4955> >. Acesso em: 22 mar. 2021.

STERN, A. L. S. **Resistir é obedecer? Resistência e obediência política na filosofia de Baruch Spinoza.** Dissertação – Pós-graduação em Direito - PUC. Rio de Janeiro, 2008.

TÓFFOLI, G. de S. **Hortas urbanas e modos de vida minoritários**. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática – UFPR. Curitiba - PR, 2019.

TORRES, F. R. "**O Andar na Corda Bamba**". Alegrar (Campinas) , v. 5, p. 2, 2008. Disponível em: < <https://alegrar.com.br/artigos-05/>> Acesso em 01 de ago. de 2021.

_____. **Travessias do Beco: a educação pelas quebradas**. Doutorado Faculdade de Educação - USP. São Paulo. 2016.

TRANSVERSAL, Grupo. **Educação menor: conceitos e experimentações**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015.

TUNGA. Tereza, 1998. **Tunga oficial**. 1998. Disponível em: <<https://www.tungaoficial.com.br/pt/trabalhos/tereza/>>. Acesso em 19 de jan. de 2019.

UNO, Kuniichi. Por que é o corpo sem órgãos. **Revista Alegrar**, nº 13, p. 1-10, 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1R96W074chZYQwqw6O2oTohRzdQJ6G0/view>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

VALLE, F. M. "Sólo sé que no loce": la rebelión de los pingüinos en Chile": In Movimientos estudiantiles en la historia de América Latina V. In: MARSISKE, R. (org.) **IISUE-UNAM**. México. pp. 155-205, 2017. Disponível em: <http://132.248.192.241:8080/jspui/bitstream/IISUE_UNAM/122/1/%E2%80%9CSo%CC%81lo%20se%CC%81%20que%20no%20loce%E2%80%9D.pdf>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

YONEZAWA, F. H. Só a alegria produz conhecimento: corpo, afeto e aprendizagem ética na leitura deleuzeana de Spinoza. **Educação: Teoria e Prática**, v. 25, n. 48, p. 186-199, 29 abr. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol25.n48.p186-199>>. Acesso em 13 de fev. de 2021.

ZORDAN, P. Criação na perspectiva da diferença. **Revista do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, v. 3, n. 5, p. 1-12, Setembro 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/2135>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

_____. Pela livre vida magisterial. **Revista Alegrar**. nº 18, p. 95-99, dez. 2016. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/16P88MTI7EsxoemSadj4DSkzRu3xEutHe/edit#>>. Acesso em: 10 nov. 2020.